



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

**JOCILDA DUARTE DOS SANTOS ANDRADE**

**O MEIO CONTRIBUI: Violência contra educadores no âmbito de uma escola pública do RN.**

**Natal-RN  
2016**

**JOCILDA DUARTE DOS SANTOS ANDRADE**

**O MEIO CONTRIBUI: Violência contra educadores no âmbito de uma escola pública do RN.**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Pr<sup>a</sup>. Anna Luiza Lopes Liberato  
Alexandre Freire

**Natal-RN  
2016**

Catálogo da Publicação na Fonte.

UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA

Andrade, Jocilda Duarte dos Santos.

O meio contribui: Violência contra educadores no âmbito de uma escola pública do RN / Jocilda Duarte dos Santos Andrade. - Natal, RN, 2016.

55 f.

Orientadora: Profa. Me. Anna Luiza Lopes Liberato Alexandre Freire.

Monografia (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Serviço Social.

1. Violência Escolar - Monografia. 2. Educadores - Monografia. 3. Educandos - Monografia. 4. Questão Social - Monografia. 5. Família - Monografia. 6. Estado - Monografia. I. Freire, Anna Luiza Lopes Liberato Alexandre. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BS/CCSA

CDU 37:323.285

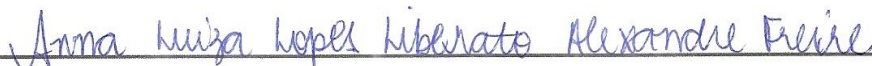
## JOCILDA DUARTE DOS SANTOS ANDRADE

### O MEIO CONTRIBUI: violência contra educadores no âmbito de uma pública do RN

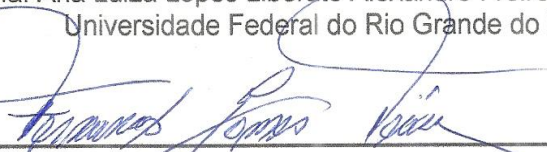
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito básico para a conclusão do curso de Serviço Social

Aprovado em: 07/12/2016

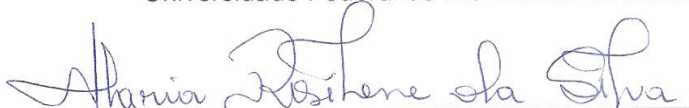
#### BANCA EXAMINADORA



Profa. Ana Luiza Lopes Liberato Alexandre Freire (Orientadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Prof. Esp. Fernando Gomes Teixeira  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Mest. Maria Rosilene da Silva  
Assistente Social da Escola Marista Champagnat de Natal

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao bom Deus, que me fortaleceu em meio a tantas dificuldades para que eu chegasse a esse momento, pois somente ele como onisciente das fragilidades humanas foi conhecedor de todos os problemas que passei nesse percurso. E é graças a Ele, que cheguei ao final dessa jornada. Bendito seja o senhor, criador do universo, que me fez para sua glória!

Não poderia esquecer-me da minha filha Jeovana, minha bela menina de coração bondoso, que nos dias mais tristes da minha vida, foi um balsamo de alívio e alegria que contribuiu muito para que eu erguesse a cabeça e continuasse a seguir em frente. Essa vitória dedico também a ela.

Agradeço aos meus pais, Francisca e Francisco, pela dedicação e educação que me deram, pois me ensinaram a ser honesta, ter humanidade e nunca desistir em meio às diversidades da vida.

Também agradeço as minhas irmãs e irmão, Margarida, Maurina, Francisca, Marleide, Ana e José, pois fazem parte da minha vida e com eles aprendi a valorizar a família e compartilhar alegrias e tristezas, são deles (as) que associo todas as lembranças da minha infância simples e cheia de aventuras.

A minha turma de graduação, que durante esses anos contribuiu bastante no meu aprendizado, através de suas colocações e discussões de temas polêmicos, que abordavam vários aspectos sociais, entre elas conheci pessoas que farão parte da minha vida para sempre. Como Nayara, Lionete, Ronize, Layssa, Farah, Ivaneide e Andriele. Pois nossa amizade e apoio mútuo vão além do curso de graduação.

Meus agradecimentos aos gestores, e aos demais educadores da escola Municipal Alcides Câmara de Souza por ter me possibilitado a realização desse trabalho através do consentimento para realização das observações e análises, e a participação nas entrevistas de todos educadores escolhidos.

Por fim, mas não menos importante agradeço a minhas orientadoras de campo Rosilene, que me ensinou como ser uma profissional ética e humana, como também a minha orientadora acadêmica, M<sup>a</sup> Mônica Calixto, que demonstrou desde o início dedicação, paciência e compreensão, que infelizmente não pode nesse processo final estar presente, por problemas de saúde. Também agradeço a minha Orientadora Ana Luiza, que teve garra e coragem de “pegar o bonde andando”, mas

com sua competência e tranquilidade me conduziu na conclusão desse trabalho. A elas meu respeito, gratidão e afeto. Que Deus abençoe a todas.

“Para essa hora caminhei, para esse tempo nasci, embora não quisesse crer. A estrada foi longa, mas enfim cheguei...”

“Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem.”

(BERTOLT BRECHT. 1920)

## RESUMO

A violência nos espaços educacionais vem alcançando índices preocupantes na sociedade brasileira atual. E os sujeitos que atuam na Escola Municipal Alcides Câmara de Souza, situada em uma comunidade rural, também sofre os embates dessa violência. Esse trabalho tem o objetivo de abordar o tema da violência escolar Contra os educadores numa escolas publica do RN, e para essa finalidade realizou-se observações de campo, e entrevistas com alguns profissionais da educação dessa instituição, para melhor entender quais os aspectos e fatos que contribuem para o crescimento dessa violência, que tanto os educadores como os educandos se tornam vulneráveis dentro das expressões da Questão Social. E de como tais profissionais se enxergam em meio a esse problema, que ao ser analisado constatou-se que pode ter vários entendimentos, tanto de uma visão analítica mais profunda, que envolve a realidade desses sujeitos sociais, ou uma visão superficial baseada no senso comum e no conservadorismo que aparecem também nas ações meramente repressiva e punitiva do Estado ao implementar politicas sociais débeis na tentativa de amenizar a violência no âmbito escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência Escolar, Educadores, Educandos, Questão Social, Família, Estado.



## **ABSTRACT**

The violence on educational spaces has reached worrying levels in today's Brazilian society. And the employees who work in the Municipal School Alcides Câmara de Souza, located in a rural community, also suffers the clashes of this violence. This work addresses the issue of school violence against educators in public schools of R/N, and within this context to analyze the aspects and facts that contribute to the growth of this violence, which both educators and learners become vulnerable within the expressions of the Social issue. And how such professionals see themselves in the midst of a problem that may have several understandings, both from a deeper analytical view, which involves the reality of these people of society, or a superficial view based on common sense and conservatism that also appear in the merely repressive and punitive actions of the State when implementing weak social politics in an attempt to relieve violence in the school context.

**Key-words:** School Violence, Educators, Students, Social Issue, Family, State

## **LISTA DE SIGLAS**

**ASPEOESP** - Associação de Professores do Ensino oficial do Estado de São Paulo

**LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

**UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

**OCDE** - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

**OIT** - Organização Internacional do Trabalho

**PNAVE** - Programa Nacional de Prevenção à Violência Contra Educadores

**EMACS** - Escola Municipal Alcides câmara de Souza

## **LISTA DE GRAFICOS**

**GRAFICO 1** – DADOS SOBRE A VIOLÊNCIA FÍSICA E VERBAL CONTRA EDUCADORES

**GRÁFICO 2** – VIOLÊNCIA VERBAL CONTRA EDUCADORES POR PARTE DOS PAIS DOS ALUNOS

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 VIOLÊNCIA NO ÂMBITO EDUCACIONAL NO BRASIL.....</b>	<b>15</b>
2.1 VIOLÊNCIA ESCOLAR COMO REFLEXO DA QUESTÃO SOCIAL.....	16
2.2 VIOLÊNCIA ESCOLAR - RETRATANDO A VULNERABILIDADE DOS EDUCADORES.....	21
2.3 POLÍTICA DE PREVENÇÃO A VIOLÊNCIA ESCOLAR DENTRO DAS AÇÕES DO ESTADO: ÚTOPIA OU REALIDADE.....	26
<b>3 VIOLÊNCIA ESCOLAR - ULTRAPASSANDO AS GRANDES CAPITALS E ALCANCANDO AS PEQUENAS COMUNIDADES.....</b>	<b>36</b>
3.1 VIOLÊNCIA ESCOLAR NA COMUNIDADE DE CAPELA; DIFICULDADES E DESAFIOS DOS EDUCADORES DA ESCOLA MUNICIPAL ALCIDES CÂMARA DE SOUZA.....	38
<b>4 CAMINHOS DE SUPERAÇÃO PARA AMENIZAR O AUMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA EDUCADORES NO ÂMBITO ESCOLAR.....</b>	<b>49</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
<b>7 APÊNDICES.....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O índice de violência no ambiente escolar é evidenciado cada vez mais pela mídia, demonstrando um quadro atroz de desrespeito, indisciplina e desumanidade, num ambiente que objetiva além de transmitir conhecimento com a aquisição de informações, também intenciona trazer conceitos éticos, de valores, cidadania e solidariedade aos indivíduos.

No contexto atual de um mundo em transformações sociais e culturais, a escola também desenvolve um papel social que vai além de preparar os cidadãos para progredir em suas qualidades para atender as exigências do mercado, mas também proporcionar momentos de reflexão crítica sobre a realidade dos sujeitos e fazer interação entre escola e comunidade.

Como funcionária de uma escola pública da rede municipal de Ceará-Mirim RN, há quinze anos, fui expectadora, inúmeras vezes, de cenas de violência no ambiente escolar. Apesar de vários sociólogos, psicólogos, pedagogos, jornais e revistas se deterem em debater ou estudar essa temática, o que mais me intriga é o fato de que a maior parte das considerações feitas pelos pesquisadores e intelectuais focaliza uma visão analítica unilateral do problema em questão - a criança e o adolescente como sujeitos em vulnerabilidade social.

Todavia, acredito que essa ótica não consegue dar conta da totalidade desse contexto de quem é vulnerável, quando se trata da violência no âmbito escolar. De quem estou falando? É obvio! dos profissionais em educação, que por inúmeras vezes sofrem com agressões verbais e ameaças de morte pelos alunos e, em alguns casos, são agredidos e desacatados pelos próprios pais dos alunos, explicitando então que “os profissionais em educação também são vulneráveis nessa questão”.

Esse trabalho monográfico tem como objetivo, analisar o contexto de violência escolar vivenciado pelos educadores em uma escola pública localizada no povoado de Capela, Ceará Mirim RN, mostrando a vulnerabilidade em que eles se encontram em meio a essa situação, e como se sentem em meio a esse problema, que vai além do estrutural familiar, mas que reflete as desigualdades sociais, pobreza, má distribuição de renda e da precarização e desvalorização desses trabalhadores, apontando para um sistema econômico que explora e desumaniza as pessoas.

Para construção desse trabalho, foram realizadas observações de um ano no lócus da pesquisa e anotações em diário de campo, além de entrevistar 8 (oito) desses educadores da escola. As entrevistas foram registradas em gravação de áudio, devidamente autorizadas pelos participantes, e posteriormente transcritas. Além disso, servirão como amostras para análise conclusiva do trabalho.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que tem como delineamento, pesquisa de campo, com entrevista aberta semiestruturada, realizada individualmente com os sujeitos da própria escola, em horários previamente agendados.

Essa produção monográfica foi dividida em quatro capítulos: o primeiro aborda a violência escolar em âmbito nacional, considerando fatos que revelam índices de violência no Brasil, apontando a violência escolar como uma expressão oriunda da questão social, e fatores que constituem ou colaboram para o aumento da violência escolar contra educadores (desemprego, pobreza, cultura, a não perspectiva de vida), enfatizando a importância da participação ativa da família nesses espaços e sua contribuição para minimizar a questão da violência, como também do Estado quanto a elaboração e efetivação de políticas públicas educacionais que sejam voltadas para garantir a permanência e melhor rendimento escolar dos adolescentes e jovens da classe trabalhadora.

No segundo capítulo, far-se-á uma breve apresentação da história do povoado de Capela-RN, e da escola Alcides Câmara de Souza. Nesse trecho do trabalho será feita uma análise da violência contra educadores na comunidade de Capela, os impactos dessa violência, e a vulnerabilidade desses profissionais dentro da escola.

Por fim, o terceiro capítulo fará uma análise dos possíveis caminhos para enfrentar a violência contra educadores na escola.

Levando em consideração o caráter investigativo da produção em questão, realizamos pesquisa bibliográfica e utilizamos diversas referências de autores reconhecidos em nossa área e através artigos com temas que abordam a violência em seus diversos âmbitos como, por exemplo: AMARO (1997), NETTO (2014), NICOLILELO (2009), PASTORINE (2006), FILHO (2007) e IAMAMOTO (2010).

A expectativa do trabalho é discutir uma problemática que se reflete nas escolas de forma complexa, com vários aspectos a serem analisados para que,

possivelmente, possa o Estado em conjunto com a sociedade encontrar caminhos para minimizar ou enfrentar a violência escolar contra educadores.

Salientando também a importância da atuação do profissional em Serviço Social, nesses espaços e a importância da investigação crítica realizada pelos Assistentes Sociais junto aos educandos e sua família, o que certamente contribuirá para identificar o cerne do problema que motiva comportamentos violentos, dependência química, evasão escolar, entre outros problemas que se expressam nas instituições escolares.

Espera-se ainda que esta produção monográfica sirva como pesquisa bibliográfica para outros pesquisadores, levando em consideração literatura ainda escassa no que se refere à violência abordada sob a ótica dos educadores.

,

## 2. VIOLÊNCIA NO ÂMBITO EDUCACIONAL NO BRASIL.

No contexto histórico brasileiro a violência tem se tornado o principal tema em manchetes de jornais, revistas e outros meios de comunicação, através de notícias muitas vezes publicadas de forma sensacionalista com o objetivo de chamar a atenção dos leitores ou telespectadores para aumentar o prestígio e audiência desses veículos de comunicação.

É comum os noticiários apresentar furtos, agressões físicas e verbais, homicídios e tragédias como se estivessem narrando um romance policial. Ou seja, como algo empolgante, natural e comum ao cotidiano.

Ao discutir sobre o tema Fraga (2002), menciona que a mídia televisiva mostra de forma sensacionalista os problemas da violência no Brasil contribuindo para reforçar o interior da percepção humana de mundo e assim naturalizá-la e entendê-la como uma expressão subjetiva das relações sociais sob o poder absoluto da lógica do mercado.

É nesse momento que podemos explicar que o sensacionalismo com que a imprensa trata a violência só faz promover a própria violência. Não só por que as pessoas se influenciam com os exemplos da violência e queiram repeti-los. Mas também por que a mídia exacerba a violência a um grau maior do que o real. É um círculo fechado: as pessoas querem ver sangue, querem saber das mazelas do outro – e qualquer jornalista sabe que uma manchete de crime hediondo faz vender mais. (FRAGA, 2002, p. 52)

Dentre as várias facetas da violência, a violência escolar também surge como tema em destaque na realidade brasileira, se tornando mais frequentes, relatos da violência escolar contra educadores. No entanto, sinalizamos que um dos principais motivadores do aumento dessa violência no nosso país consiste num sistema econômico gerador de desigualdades sociais, explorador do trabalho humano, que se mantém nas relações de desigualdades sociais da pobreza e da miséria da classe trabalhadora para sua estruturação.

Ao se analisar a violência escolar, é comum deparar-se com um quadro de vulnerabilidade que atinge vários sujeitos sociais identificados nos próprios alunos, famílias e educadores, que estão cooptados dentro dessa teia de consequências que a realidade os envolve. Carlos Ramiro, presidente da Associação de Professores do Ensino oficial do Estado de São Paulo - APEOESP (2007), assinala que a violência vivenciada na sociedade brasileira, e que está entrando em nossas



escolas, é resultado das injustiças sociais nas quais as escolas públicas, atualmente, são vítimas de um contexto de violência generalizado.

Consciente da complexidade do tema analisar-se-á a seguir as possíveis causas que colaboram para o índice crescente do problema, tornando-se imprescindível fazer uma análise dialética e crítica da sociedade atual, considerando os fatores socioeconômicos e culturais do país.

## 2.1 A VIOLÊNCIA ESCOLAR COMO REFLEXO DA QUESTÃO SOCIAL

A violência vem sendo considerada como um fenômeno mundial, evidenciada pelos aparelhos de comunicação constantemente. Trata-se de um problema social que também se reflete nas escolas. Dadoun (1998) declarou ser a violência uma categoria que se transforma de um período do tempo para outro, mudando historicamente conforme as condições socioculturais de cada lugar.

Considerada como algo bastante comum no século passado e na contemporaneidade, a expressão da violência pode ser vista na sociedade brasileira como expressão das relações de forças e poder entre classes, e cada vez mais, na realidade brasileira, se distancia o mito de que somos um povo altamente pacífico, visto que cotidianamente a violência passa a se expressar de forma real ou simbólica<sup>1</sup>. Essa violência que acontece de forma *verticalmente simbólica* se manifesta nas diversas frações da classe burguesa ou da elite brasileira rebatendo na classe trabalhadora.

A violência simbólica verticalizada se vê muitas vezes, visibilizada pelos representantes do povo que se articulam entre si para defender interesses privados da classe elitista<sup>2</sup>. Certamente, ela não está relacionada diretamente a violência física, no entanto, no seu produto final reporta-se também a ela, como no caso da corrupção, que desvia recursos financeiros destinados à educação, saúde e

---

<sup>1</sup>*Real*: quando nos vemos diante de situações concretas dessa violência, como furtos, sequestros, tráfico de drogas (e todas as suas conseqüências), as agressões físicas contra homens, mulheres e crianças, o estupro e os homicídios. *Simbólica*: quando essa violência é sinalizada pela corrupção, pela negação de direitos aos mais vulneráveis, pelo preconceito e pela dominação ideológica da burguesia.

<sup>2</sup> Minoria que exerce poder e prestígio sobre um grupo social: sociedade elitista; clube elitista. Próprio do que há de melhor e mais valorizado num grupo social.

assistência social da classe trabalhadora para benefícios individuais, colaborando para a aumento da vulnerabilidade social dos sujeitos que são submetidos ou condicionados a viver cooptados em meio a violência mais concreta de todas, a exclusão social.

Segundo Chauí (1999, p.336) a violência é compreendida como um oposto da ética:

Fundamentalmente, a violência é percebida como exercício da força física e da coação psíquica para obrigar alguém a fazer alguma coisa contrária a si, contrária aos seus interesses e desejos, contrária a seu corpo e à sua consciência, causando-lhe danos profundos e irreparáveis, como a morte, a loucura, a autoagressão ou a agressão aos outros. Quando uma cultura e uma sociedade definem o que entendem por mal, crime e vício circunscrevem aquilo que julgam violência contra um indivíduo ou contra o grupo. Simultaneamente, erguem valores positivos - o bem e a virtude - como barreiras éticas contra a violência.

Por conseguinte a violência tem se estendido a vários segmentos da sociedade, nas ruas, no trabalho e nas escolas, como expressão da questão social que atinge a todos os sujeitos sociais que nessa sociedade vive.

Por questão social queremos significar o conjunto de problemas sociais e econômicos que o surgimento da classe operária impôs no mundo no curso da sua constituição da sociedade capitalista. Assim, a questão social está fundamentalmente vinculada entre o conflito capital trabalho (FILHO, 1982, p.21)

A gênese da questão social surgiu no modo capitalista de produção, na contradição entre capital trabalho, na apropriação dos meios de trabalho e riqueza produzida socialmente, ou seja, os trabalhadores produzem as riquezas e os capitalistas se apropriam delas pelo fato de deterem em seu poder os meios de produção. Assim, a classe trabalhadora desprovida dos meios de produção e das riquezas, é condicionada a vender a sua força de trabalho para sobreviver como aponta Carvalho e Yamamoto (2012, p.45).

Para sobreviver, o homem precisa produzir os seus meios de subsistência e, para isso, tem que dispor dos meios necessários à sua produção. Quando os trabalhadores estão desprovidos dos meios de produção, esta, também, desprovida dos meios de subsistência. A medida que estes se contrapõem ao trabalhador, como propriedade alheia monopolizados por uma parte da sociedade – a classe capitalista – não lhe resta outra alternativa se não vender parte de si mesmo em troca do valor equivalente aos meios necessários para sua subsistência e de sua família[...]

A análise marxiana defende que a questão social tem determinações históricas e é resultado da contradição do modo de produção capitalista, considerando assim que neste modelo de desenvolvimento econômico, a produção de bens materiais é realizada de forma coletiva, em contrapartida a apropriação privada e restrita a pequena parcela da população mundial. Portanto, expressa a contradição presente na relação capital/trabalho.

Nesse sentido, Netto (2010) discute sobre a questão social ser algo complexo e histórico que implica vários componentes:

[...] a “questão social” está elementarmente determinada pelo traço peculiar da relação capital/trabalho – exploração. A exploração, todavia, apenas remete à determinação molecular da “questão social”; na sua integralidade, unicausalidade, ela implica a intercorrência mediada de componentes históricos, políticos, culturais, etc. (NETTO, 2010, p.157)

As expressões da questão social estão presentes no cotidiano da vida social dos sujeitos sociais, dentre estas podemos citar pobreza, desemprego, a fome, a falta de escola dentre outras negações de direitos.

O que é ratificado por Schimidt (2007) quando assinala, sem os meios de produção, à classe trabalhadora resta submeter-se aos ditames dessa minoria burguesa, e viver sob condições precárias e os efeitos que essa desigualdade causa:

Os efeitos da apropriação desigual do produto social, na sociedade capitalista, são os mais diversos e afetam todos os sujeitos, entre aqueles temos, o analfabetismo, violência, desemprego, moradias precárias, fome, que criam, novas estratégias de sobrevivência. (SCHIMIDT, 2007, p.16).

Portanto, pode-se afirmar que a violência expressada no âmbito escolar também é um reflexo de uma sociedade marcada pelas desigualdades sociais e um contexto histórico que foi determinantemente colaborador para a configuração dessas desigualdades. É fato<sup>3</sup> que nas instituições de ensino também depara-se com inúmeros problemas oriundos da questão social, dentre os quais estão a fome de crianças e adolescentes que vão para a escola sem se alimentar, a ausência dos pais que muitas vezes deixam seus filhos sobre a responsabilidade de terceiros para poderem trabalhar, o uso abusivo do álcool e outras drogas ilícitas, a falta de

---

<sup>3</sup> Salientamos que como educadora no período de 15 anos, dentro da Escola Municipal Alcides Câmara de Souza, ocupando o cargo de Merendeira, nos possibilitou observar de perto muitos desses problemas que colaboram para o aumento da violência dentro dos espaços educacionais contra os educadores.

estrutura física dos espaços educacionais, como salas superlotadas, mal iluminada e pouco arejada, falta de materiais como carteiras, entre outros problemas estruturais também contribuem para o aumento da violência no interior dessas instituições, tanto dos alunos contra os educadores quanto entre eles mesmos.

Assim, a violência possui uma plasticidade muito grande, expressa-se por todo tecido social e apresenta consequências de segunda ordem sobre o sujeito da sociedade contemporânea como expressão da questão social. Dentro desse sentido temos percebido certo movimento, dentro do cenário brasileiro educacional para se dar alguma resposta a violência no meio escolar [...](SCHMIDT, 2007, p. 17).

De acordo com Sousa (2008), a emergente industrialização, as inovações tecnológicas, o consumo exacerbado, a concentração e má distribuição de renda, a falta de acesso a bens e serviços, o difícil acesso a direitos primordiais ao ser humano, causam frustrações e carências que contribuem significativamente para a manutenção ou agravamento da questão social.

Em uma sociedade capitalista, como a brasileira, a concentração de renda se faz de maneira desigual, onde a maioria tem muito dinheiro e minoria convive com o mínimo necessário. Vive-se em uma sociedade desigual com um discurso elitista onde é preciso trabalhar para deixar de pertencer a maioria. A desigualdade social de forma geral colabora para o aumento da violência em decorrência da fome estresses e desemprego que afeta grande parte da população. (SOUSA, 2008, p.07)

Portanto deve-se analisar que, indivíduos privados de condições de vida digna, que são submetidos a viver em meio a pobreza e a miséria, estão mais expostos e vulneráveis, tendo em vista estarem cooptados face aos ditames de um modelo econômico que está pautado sobre as desigualdades sociais e que reflete muitas vezes a violência, e por consequência disso, sentem-se revoltados por sua condição social, sendo vítimas dos interesses econômicos e do descaso da sociedade.

Uma classe em tais condições não consegue enxergar a sua real condição de explorado, nem mesmo quem a explora. Suas perspectivas de vida são frágeis, e muitas vezes, pessoas em estado de violação de direitos, se voltam contra as instituições, contra os funcionários que nelas trabalham, quando suas necessidades não são atendidas, sem entender minimamente a situação que vivenciam, de negação de direitos são consequências de uma sociabilidade pautada em valores que fortalecem essa realidade de desigualdades.

Geralmente, a classe trabalhadora vive num estado de tanta segregação social, que a intolerância se torna crescente, expressando uma inconformidade com sua real condição de vida. E nessa situação se veem como animais enjaulados numa gaiola de circunstâncias, defendendo-se da forma que podem, e como podem, muitas vezes por não terem consciência de classe, direcionam essa inconformação para os agentes errados, de forma equivocada.

E nessa ausência de se perceberem enquanto classe explorada, e quem são seu verdadeiro explorador e sua incapacidade de organização para reivindicação dos seus interesses, se veem como meros atores que estão a mercê do acaso. Montaño (2010, p.97) refere-se a esses indivíduos como “classe em si”.

A classe em si é constituída pela população cuja condição, social corresponde com determinado lugar e papel no processo produtivo, e que, independe de sua consciência e/ou organização para luta na defesa de seus interesses, caracteriza uma unidade de interesses comuns em oposição aos de outras. Não representa necessariamente um momento imaturo da formação das classes, mas uma dimensão da sua constituição e da análise social [...] “Classe em si” remete a mera existência de uma classe[...]

Ao analisarmos o que na verdade se constitui uma “classe em si”, devemos considerar que a dominação ideológica atrelada a negação de acesso à direitos a classe trabalhadora, como acesso à cultura, à educação de qualidade, à verdadeira liberdade que está amparada do acesso à bens e serviço e à riqueza produzida no país, e ao pleno emprego, são itens importantes que ao serem suprimidos da vida desses sujeitos sociais podem implicar nas expressões de violência, de uma classe que não enxerga de onde vem “as chicotadas dos arrolhos” do capitalismo, mas sente as dores que o mesmo lhes causa.

Entretanto, ressalta-se que não é apenas o fator econômico que deve ser visto como único pivô que implica no desencadeamento da violência, pois se reconhece que aspectos históricos e culturais na sociedade também contribuem para o surgimento de todas as formas de violência, nem muito menos é objetivo defender a criminalização da pobreza<sup>4</sup>, pois a violência é um fenômeno que

---

<sup>4</sup> Nesse sentido, o estigma é que negros e pobres aparecem na mídia como autores de atos criminosos que, apanhados de maneira imediatista e preconceituosa, são associados, em seu conjunto, às práticas de crimes. Isto é produzido e/ou apropriado pelos segmentos dominantes, na prática e ideologicamente, no sentido de obter a licença de “caçá-los e prendê-los”. Assim, eles aparecem como perigosos para a população em geral. De toda forma, cria-se a “licença geral” para criminalizar todos os jovens pobres e negros. Desta maneira, o estigma é de que, por sua condição social e étnica, estão predispostos a se tornarem ameaçadores. Para o

acontece em todos os seguimentos sociais, e não segue padrão de classes sociais, pois ela está presente tanto nas regiões mais periféricas quanto nos condomínios e mansões de luxo, nas famílias da classe trabalhadora ou nas elitizadas, de forma real ou simbólica.

Entende-se que a desigualdade social tem um peso muito grande em cima dessa discussão, e não por culpa daqueles que são submetidos a essa desigualdade, mas pelo sistema econômico vigente e um Estado omissivo em seus deveres de assegurar direito a uma vida digna a todos os sujeitos sociais.

Dessa forma abordar-se-á sobre como a expressão da violência tem atingido de forma preocupante os profissionais em educação.

## 2.2 VIOLÊNCIA ESCOLAR – RETRATANDO A VULNERABILIDADE DOS EDUCADORES

Conforme a Lei de diretrizes e Bases da Educação - (LDB -1996) o objetivo da escola na sociedade consiste em oferecer acesso à aprendizagem e conhecimento aos educandos, priorizando uma educação democrática e libertadora, além de qualificar os indivíduos para o mercado de trabalho, com o objetivo de prepará-los para o pleno exercício de cidadania, sendo ela dever da família e do Estado (LDB<sup>5</sup>), porém historicamente as instituições escolares e os profissionais que

---

público, aparecem como ameaças e para a reprodução do capital poderão ser utilizados para desfocar o debate e discussões sobre o direito, sobre a cidadania, sobre a proteção social.

Nesse contexto, a sociedade produz, com o apoio da mídia, verdadeiras campanhas contra os jovens que praticam algum delito, superestimando as estatísticas, para que estes sejam culpabilizados, apelando, inclusive, para argumentos como a redução da maioria penal, 14 se, por exemplo, a situação envolver adolescentes.

<sup>5</sup>Da Educação Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. § 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. TÍTULO II Dos Princípios e Fins da Educação Nacional Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

nelas trabalham vêm enfrentado desafios que vão além de sua competência educacional.

PEREIRA (2007), destaca que de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a profissão de educador é considerada de risco desde o ano de 1981, tendo em vista as fragilidades sociais que vivem muitos educandos, e que mediante estas fragilidades a violência escolar é um problema que reflete-se de forma crescente dentro desses espaços educacionais, e atualmente os profissionais em educação estão atuando profissionalmente, dentro de um contexto social que também os torna vulneráveis.

No decorrer das últimas décadas, os educadores vêm sofrendo, em particular no âmbito das escolas públicas, agressões físicas e verbais por parte dos educandos. Entretanto, não se está defendendo que as de caráter privado se encontram isentas desse reflexo. Ao contrário, entende-se que os espaços educacionais independente da sua natureza jurídica, sofrem rebatimentos e não estão alheios as relações sociais, porém nos espaços públicos ela adquire maior visibilidade.

Outro ponto que se deve considerar consiste no fato que os alunos não veem mais esses profissionais com respeito, ofuscando posturas e valores, nas quais o desrespeito exacerbado adquire graus extremos. Muitos desses profissionais são condicionados a viverem um cotidiano marcado, diariamente, pela indisciplina escolar, o medo, a falta de condições de trabalho e uma série de fragilidades que se confrontam os profissionais da educação no exercício dessas profissões.

Obviamente, não há como negar que a problemática da violência no âmbito educacional contra educadores, vem trazendo agravos sérios a saúde e o bem estar de muitos profissionais que trabalham na educação, e quando se refere a educadores, estamos falando de todos os sujeitos que compõem o quadro de funcionários de uma escola e não só, exclusivamente, aos professores.

Segundo Netto et. Al. (2012), não devemos esquecer que existem outros atores que também estão envolvidos no processo educativo, no contexto escolar, composto por porteiros (as), merendeiros (as), auxiliar de serviços gerais, secretários (as), bibliotecários (as), coordenadores (as) pedagógicos, diretores (as) e vices – diretores (as), sendo todos eles educadores em potencial de acordo com os respectivos cargos.

Não é demais lembrar que a aprendizagem, função precípua da escola, envolve a aquisição de informações, destreza e valores. Todas ocorrem em prol de uma ação educativa avultadas no interior da escola. É evidente que a atuação do professor é destaque nesse contexto, mas as relações no cotidiano escolar ultrapassam o binômio professor-aluno uma vez que outros atores estão envolvidos no processo. Para o alcance dos objetivos educacionais, a atuação do professor é complementada pelos demais trabalhadores em educação não docentes, aqui denominados funcionários da escola. Atualmente, com o avanço da escolarização, nota-se que, mais do que serem ensinadas por professores, as pessoas necessitam serem instruídas por educadores, entendendo-se que todos os que têm presença constante no ambiente escolar podem desempenhar esse papel, são educadores em potencial, independentemente da função que exercem. Assim, implicações dessa concepção evidencia que, merendeiras cuidam da educação alimentar, bibliotecários auxiliam no hábito da leitura, faxineiros ficam atentos a higiene do ambiente, secretários e diretores contribuem com o processo administrativo enfim, esses e outros funcionários presentes e atuantes na escola tornam-se tão imprescindíveis quanto os professores (NETTO et. al. 2012, p. 592).

O foco educacional se torna distorcido, em consequência do aumento exorbitante de casos que envolvem a violência contra educadores no Brasil. Os índices dessa violência, principalmente nas escolas públicas, tem se tornado um fato preocupante.

De acordo com uma pesquisa realizada no ano de 2014, pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), mais de 12% dos professores entrevistados no Brasil já foram vítimas de agressões, verbais e intimidações dos alunos, acentuado pelo fato de que essas agressões podem ocorrer pelo menos uma vez por semana (BBC, Brasil, 2014). A pesquisa traz à tona um dado alarmante, de que o Brasil ocupa o topo do ranking de violência escolar contra educadores, se destacando entre os 34 países pesquisados.

De acordo com a Associação de Professores do Ensino oficial do Estado de São Paulo (ASPEOESP, 2013), dos 684 profissionais entrevistados que trabalham em escolas públicas, 90% referiram ter sofrido agressões em sala de aula. No ano de 2006, foram registrados mais de 2,3 mil casos de agressões contra educadores, só no estado de São Paulo.

Dessa forma, para reforçar os dados referidos acima sobre essa temática, mencionaremos aqui alguns fatos que repercutiram nos veículos de comunicação, sobre a violência contra educadores ocorrida em alguns estados do Brasil, reportando a gravidade do problema. Vale ressaltar que todos os relatos que serão expostos foram extraídos sinteticamente de uma reportagem especial realizada pelo



APEOESP, em agosto de 2013, e todos os depoimentos foram cedidos pelo portal TERRA.

*Porto Alegre - R/S, ano de 2009:* Ao reprimir os alunos, por motivos de bagunça no corredor de uma escola pública, a professora Glaucia Terezinha da Silva foi agredida fisicamente por uma aluna de 15 anos, que a segurou pelos cabelos e a jogou no chão. A profissional sofreu traumatismo craniano, passando 15 dias hospitalizada, e seis meses afastada do trabalho, para sua recuperação dos danos físicos e emocionais.

*Rio de Janeiro - R/J, ano 2013:* A diretora Leila Soares, foi agredida fisicamente por uma adolescente de 15 anos, quando ela chamou a atenção do aluno, que ficou irado, e golpeou a educadora com 8 socos. A violência foi tão grande que os golpes desferidos quebrou o nariz de Leila. O fato ocorreu em uma escola pública da zona norte do Rio de Janeiro. Após o ocorrido ela ficou traumatizada, caiu em depressão, passou a usar antidepressivos, sentia medo de sair sozinha e passou vários meses afastada de suas atividades na escola

Fiquei 15 dias com o rosto dormente, não conseguia dormir. Fechava os olhos e via aquele garoto me agredindo”.Depois de minha agressão, soube de várias outras. O professor está cada vez numa situação mais vulnerável. A gente tem cada vez mais obrigações e está mais acuado” (,2013,p.02).

Belo Horizonte – M/G: professora de uma escola Estadual, situada na periferia, sofre agressões de uma estudante, que desferiu vários chutes contra a profissional. Após o ocorrido, I.F.O, que não quer ser identificada por medo de represálias, passou 6 meses de licença médica e mediante o trauma também passou a usar antidepressivos.

O aluno chegou chutando a porta. Parecia que ele havia consumido drogas e estava agitado. Eu pedi para ele respeitar os colegas e ele veio pra cima de mim, me chutou, me derrubou no chão. Ele só não me bateu mais porque os alunos interferiram (APEOESP 2013, p.03).

O mais trágico é saber que algumas das agressões contra educadores não são cometidas somente pelos alunos, mas também pelos próprios pais dos educandos, demonstrando que o problema da violência escolar não é apenas um problema com indisciplina entre alunos contra professores dentro das instituições de ensino, mas abrange outros aspectos que perpassam desde econômico, a cultura e

as instituições familiares, como o caso ocorrido em 2012, numa escola de Florianópolis – S/C, com a professora L.C.C, de 51 anos, que lecionava para crianças na faixa etária entre 9 e 10 anos. A vítima foi cercada pela mãe e avó de uma aluna que não se conformava com uma nota baixa dada a filha.

A educadora foi empurrada sofrendo lesão óssea, vários hematomas e arranhões, e por consequência do ocorrido, danos psicológicos acentuados como depressão também surgiram, que a afastaram das suas atividades por tempo indeterminado (APOESP, 2013)

De acordo com APEOESP (2013), em uma pesquisa do SINTE - Sindicato Estadual dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina, esses casos são mais recorrentes do que se imagina, tende em vista que o sindicato recebe até duas denúncias de proporção ao mês. Contudo, acredita-se que esse número possa ser bem maior, já que muitos professores não comunicam sobre as agressões verbais, impossibilitando formular dados oficiais sobre o problema.

O portal Terra (2010) relata um outro caso de agressão contra educadores cometida por pai de um aluno que aconteceu em Caruaru (PE), em 2010. A gestora, foi agredida ao atravessar a rua. Um homem veio em sua direção e a empurrou, fazendo com que ela caísse e batesse violentamente com a cabeça no meio fio. O resultado foi um traumatismo craniano, edema frontal e outras complicações, como comprometimento da sua visão, olfato e paladar. Terra (2010). Diante da fragilidade de seu quadro clínico Maria Lidejane revela: “Eu sigo assinando papeis, tomando algumas decisões, mas já não tomo a frente das atividades, conto muito com minha equipe” ( p. 01).

Apesar dos aparelhos midiáticos se deterem em evidenciar apenas as agressões físicas como fatos que mereçam a nossa atenção e preocupação, as agressões verbais são mais recorrentes, entretanto esse tipo de violência também tem se configurado perigosa, pois nela se expressa o desrespeito, o Bullying e as ameaças, e essas situações trazem grandes prejuízos psicológicos aos educadores.

Embora, muitas vezes, as agressões verbais sejam compreendidas como fatos menores, ‘comportamento típicos de adolescentes e jovens’, arroubos ou explosões momentâneas, elas tem um impacto sobre o sentimento de violência experimentado por alunos e podem ser [...] uma das portas de entrada da violência física (ABRAMOVAY, 2009, p.121).

Segundo uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO (2003/2004), o nível de agressão verbal sofrida pelos educadores é considerado bastante alto, tendo em vista que cerca de 47% desses profissionais relatam já terem sido xingados pelos educandos.

Frases como: “não vou te obedecer”, “você não manda em mim”; “vou te pegar lá fora”; “eu não tenho medo de você”; “Quem manda aqui sou eu”; “Eu vou matar você”, entre outras. Essas são agressões que tem se tornado “mais comuns e mais corriqueiras do que gostaríamos”.

Infelizmente, esse tipo de agressão tem se naturalizado no cotidiano das escolas na realidade atual, e as consequências mais leves que a violência verbal pode causar é a intimidação e o desconforto aos educadores, porém em muitos casos podem causar danos emocionais e psicológicos bastante sérios, como depressão, ansiedade, estresse e síndrome de Burnout<sup>6</sup>. E tais transtornos afastam temporariamente ou definitivamente esses profissionais do seu trabalho.

Dessa forma, fica evidente a real necessidade de se investir em estudos que tratem sobre transtornos e doenças psicossomáticas que acometem os trabalhadores em educação, tendo em vista que a violência sofrida por esses trabalhadores tem alcançado um nível grave (LEVANDOSKI, 2011).

Outro tipo de violência que vitimiza os educadores é a violência contra os bens materiais, o que acontece bastante quando o agressor não consegue por algum motivo ferir a pessoa física do educador, então procuram outra forma de causar danos. Sendo assim, a alternativa adotada nesses casos, porém não menos

---

<sup>6</sup>Não importa a profissão, o estresse faz parte do dia a dia num mundo cada vez mais competitivo. A Síndrome de Burnout é uma das consequências deste ritmo atual: um estado de tensão emocional estresse crônico provocado por condições de trabalho desgastantes. O próprio termo “burnout” demonstra que esse desgaste danifica aspectos físicos e psicológicos da pessoa. Afinal, traduzindo do inglês, “burn” quer dizer “queima” e “out” significa “exterior”.

Em geral, a síndrome atinge profissionais que lidam direto e intensamente com pessoas e influenciam suas vidas. É o caso de pessoas das áreas de educação, assistência social, saúde, recursos humanos, bombeiros, policiais, advogados e jornalistas. Há diversos sintomas, que, em fase inicial, até se confundem com a depressão. Por isso, é importante um diagnóstico detalhado. O esgotamento físico e emocional é refletido através de comportamentos diferentes, como agressividade, isolamento, mudanças de humor, irritabilidade, dificuldade de concentração, falha da memória, ansiedade, tristeza, pessimismo, baixa autoestima e ausência no trabalho. Além disso, há relatos de sentimentos negativos, desconfiança e até paranoia. É possível que o paciente sofra fisicamente com a doença, com dores de cabeça, enxaqueca, cansaço, sudorese, palpitação, pressão alta, dores musculares, insônia, crises de asma e distúrbios gastrointestinais, respiratórios e cardiovasculares. Em mulheres, é comum alterações no ciclo menstrual.

04/04/2016 Síndrome de Burnout: A doença do esgotamento profissional. | UNIICA

<http://www.uniica.com.br/orientacoes/sindromedeburnoutadoencadoesgotamentoprofissional/>

2/2

nociva, consiste em destruir, danificar ou roubar, pertences e bens materiais dos profissionais.

Um exemplo bem comum é riscar, amassar e furar pneus de carros e motos, destruir materiais didáticos e furtar pequenos objetos. Segundo Abramovay (2005), um dos tipos de ameaças feitas por alunos aos educadores diz respeito à depredação do patrimônio dos profissionais.

Vale salientar, que todos os tipos de agressão tanto a física, quanto verbal e material tendem a causar danos à saúde de qualquer indivíduo, principalmente aos educadores que se tornam vulneráveis nesse contexto de violência escolar, ao receberem diariamente uma carga de agressividade no ambiente de trabalho.

Todos esses atos de violência escolar cometidos contra educadores é uma pequena amostra de um problema que vem se agravando no decorrer dos anos, contudo entende-se que se fossemos nos dedicar apenas a relatar fatos semelhantes a estes que foram citados acima, certamente tais relatos ocupariam muito espaço nesse documento, que tem por objetivo principal analisar a vulnerabilidade dos educadores de uma comunidade rural, mediante o contexto atual de violência escolar, e dessa forma também discutir a ação do Estado através de implementações de políticas e programas para minimizar esse quadro de violência que se expressa dentro das escolas.

### 2.3 POLÍTICAS DE PREVENÇÃO A VIOLÊNCIA ESCOLAR DENTRO DAS AÇÕES DO ESTADO: UTOPIA OU REALIDADE?

Um dos grandes desafios a ser enfrentado atualmente consiste na implementação de políticas públicas que objetivem minimizar as ações de violência dentro do espaço educacional, inclusive nas escolas públicas.

Entretanto uma análise que deve ser feita, diz respeito à visibilidade dessas medidas de prevenção realizada pelo Estado, no que consiste essas medidas, de que forma esta sendo vista pelos profissionais de educação, e a discussão de sua eficácia no objetivo de minimizar o problema, e de que maneira estão sendo implementadas.

O fato é que a visão ideológica fundamentada em ações repressivas e punitivas também faz parte do discurso de alguns profissionais da educação, que

entendem que as ações de prevenção a serem tomadas para minimizar o quadro dessa violência devem ser realizadas pelo viés de segurança policial, ou de medidas meramente punitivas.

Na aproximação da coleta de dados, junto a alguns educadores, se teve a possibilidade de identificar esse viés. A menção aos Guardas Municipais nas escolas e rondas policiais foram uma das medidas frisadas, como forma de combate a violência escolar.

[...] ontem foi um exemplo, veio a guarda aqui [...] até a guarda está envolvida, nesse quadro de violência. Tá tão preocupante o quadro, que está tendo uma ronda agora nas escolas. Ontem uma colega disse que no Rotery teve três guardas lá, [...] e aqui também teve a visita da guarda municipal. (EDUCADOR 1. Questionário- Violência Escolar – 2015)

Além de defender que esse tipo de ação deve ser feita para combater a violência nas escolas, alguns também acreditam na sua eficiência como resposta ao combate desse problema. “A esperança é que ajude, a esperança é que ajude [...] vai, amenizar sim. [...] na minha época não tinha a presença da guarda, não tinha conselho tutelar [...]”( EDUCADOR 1)

Porém, apesar de alguns educadores afirmarem que medidas de segurança de cunho repressivo devem ser utilizadas como ações de prevenção no combate a violência escolar, outros educadores também reconhecem que alguns outros segmentos da sociedade também podem contribuir para superação desse problema, e neles foram destacados, os Conselhos Tutelares, Juízes e Assistentes Sociais<sup>7</sup>, na perspectiva de se articularem para minimizar ou combater a violência no âmbito educacional, e que medidas pedagógicas, como palestras, reuniões com alunos e responsáveis, de orientação e conscientização, sejam também ações voltadas para auxiliar no combate a essa expressão.

Entretanto, a responsabilização e importância da família dentro dessa discussão ainda é considerado como importante e influente no contexto de violência escolar contra educadores, pois segundo eles seria mais fácil trabalhar com os adolescentes essa problemática ( e outras mais), se houvesse uma parceria entre a escola e os responsáveis.

---

<sup>7</sup> PROJETO DE LEI N.º 3.466, DE 2012 (Do Sr. Raimundo Gomes de Matos) Dispõe sobre a instituição do Serviço Social nas Escolas Públicas, Entidades Filantrópicas, OSCIPs e Fundações cuja atividade principal seja o provimento da educação.

[...] Pelo menos assim, o poder público ele procura, procura conscientizar, procura dar palestras, fazer discussões, debates, direitos, leis, mas eu ainda acho que o problema está na base, está na família. Por que é como eu falo para você, eles conquistaram todos esses direitos, mas a base, e a base que está precisando de reestruturação. É a família [...] (EDUCADOR – 2. Questionário- Violência Escolar – 2015)

Eu acho o seguinte, acho que o governo ele investe, na minha opinião. Agora eu acho que, a educação já vem de casa. Por que o alicerce da educação é de casa, se um filho é bom, é bom filho com o pai, ele é bom aluno, se é bom... Se ele é bom filho com a mãe, ele é bom com o professor. Por isso que eu digo, a educação já vem de casa. (EDUCADOR – 3. Questionário- Violência Escolar – 2015)

Abordando sobre juventude e violência e a culpabilização da constituição familiar, Fraga declara:

A maioria das pessoas acredita ( e os próprios jovens pensam isso) que a principal causa dessa violência é a ausência ou incorreção da educação familiar. Essa explicação é profundamente equivocada, por que imagina que a família deveria manter uma ética educativa acima dos sociais, como se ela não fizesse parte dessa mesma sociedade e não fosse também atingida por ela. (2002, p. 53)

Por tanto devemos considerar, que as famílias também são fragilizadas dentro do contexto social atual, por diversas questões que vai além do estigma tão defendido pela sociedade brasileira do que é família desestruturada<sup>8</sup>, pois ao analisarmos as instituições familiares, devemos observar que dentro delas existem muitos aspectos que vão desde as condições econômicas, psicológicas e culturais, que influenciam bastante na dinâmica dessas famílias.

Há um preconceito de classe social e de raça aqui que precisa ser enfocado, porque é comum que se explique a defasagem de aprendizagem e os problemas de indisciplina dos estudantes das classes populares a partir da existência da tal "desestruturação da família" entre eles. Na verdade, cansa muito explicar que estas famílias nunca foram "desestruturadas" de acordo com um figurino de catecismo católico tão puritano assim, mas estruturadas de formas diferentes, porque, na mentalidade prevalecente, pensa-se que a tal família padrão, burguesinha, nuclear, de papai e mamãe, com seus filhos de um único casamento é uma realidade normal da sociedade em que vivemos. (NASIASENE, 2015, p. 1/6 – 2/6)

---

<sup>8</sup>Para a sociedade conservadora, uma família é estruturada quando é composta por pai, mãe e filhos, onde existe laços afetivos fortes de amor.

Foi analisado também, diante das falas dos entrevistados, que existe uma frágil percepção da existência e visibilidade de políticas públicas voltadas para minimizar a violência escolar. Alguns até reconhecem que haja ações voltadas para prevenção do problema, mas não conseguem identificar a sua materialização.

Até o presente momento, eu não tenho nenhum tipo de informação já nessa área, de políticas que tenham essa...essa preocupação com o profissional de educação[...] mas que com certeza deve ter, deve ter [...] ( EDUCADOR – 7.Questionário- Violência Escolar – 2015)

Segundo outro educador entrevistado na escola, o Estado até tem conseguido implementar alguns projetos, com a finalidade de minimizar os problemas referentes a essa questão, entre eles estão o Programa Mais Educação e o Projovem, entre outros. Entretanto existem problemas na execução e continuidade desses projetos, que são extintos, com argumento de falta de recursos públicos.

[...] O Estado vai lá, até planeja, difícil tá sendo a execução [...], pois falta continuidade nas ações, muitas vezes por falta de recursos financeiros os programas que parecem ter resultados positivos na vida dos alunos não atingem seu objetivos. Por que acabam. (EDUCADOR 4.Questionário- Violência Escolar – 2015)

Pode-se dizer que apesar dos depoimentos desses educandos demonstrarem uma percepção pouco aprofundada dos interesses do Estado para combater a violência no âmbito escolar, é compreensível essa percepção, quando analisamos a ausência do Estado em implementar políticas que trabalhem de forma preventiva no trato dessa questão, e não é surpresa a menção de alguns educadores quando salientam que medidas de segurança e de ordem repressivas são vistas como eficientes, sem analisar e intervir em outras questões que sustentam as causas da violência, ou seja, trata-se de forma pontual essa questão, com medidas punitivas e repressivas, que segundo o presidente Carlos Ramiro de Castro da APEOSP, esse tipo de ação não resolverá o problema.

Nós não vamos resolver esse problema simplesmente com medidas de segurança. A polícia é importante lá fora. Agora dentro da escola, nos temos que ter as condições, a valorização do profissional, a infra-estrutura adequadas a participação da comunidade escolar para o ensino de

qualidade e uma educação integral de nossas crianças e jovens. (AR ETÊ EDUCAR, 2007, p. 01).

Infelizmente, os representantes públicos do país não analisam essa questão como se deveria, e de forma mais coerente, pois as medidas que são pensadas para enfrentamento da violência escolar contra educadores são débeis e insuficientes para isso.

De acordo com um projeto de lei PNAVE, que foi apreciado em 11 de dezembro de 2013 pela comissão Nacional de educação da Câmara dos Deputados, é proposto a criação do Programa de Prevenção à Violência Contra Educadores (PNAVE) o qual prevê medidas punitivas para o aluno ou funcionário que cometer atos violentos.

Essas são as principais propostas referidas no documento:

- Implantação de campanhas educativas que tenham por objetivo a prevenção e enfrentamento a violência física, moral e ao constrangimento contra educadores;
- Afastamento temporário definitivo da unidade de ensino de aluno ou funcionário infrator, dependendo da gravidade do delito cometido;
- Transferência do aluno infrator para outra escola, caso as autoridades educacionais, após o devido processo administrativo, conclua pela impossibilidade de sua permanência na unidade de ensino; e
- Licença temporária do educador que esteja em situação de risco de suas atividades profissionais, enquanto perdurar a potencial ameaça, sem perda dos seus vencimentos (EDUCAÇÃO- E- CULTURA COMISSÃO DE EDUCAÇÃO DA CAMARA DOS DEPUTADOS, 2013, p.01).

Observando melhor o projeto e analisando as suas propostas que objetiva combater a violência no âmbito educacional, notamos que essas medidas estão pautadas no cunho de repressão e da punição aos indivíduos, o único item que se considera coerente dentro dessas medidas para prevenção da violência voltadas aos educadores, consiste nas campanhas educativas como forma de enfrentamento do problema, dando conotação de um Estado repressor e penalizador, que ainda atua de forma a manter a ordem social por meio da força, em que a culpabilização dos sujeitos e criminalização da pobreza aparecem dentro do seu discurso e ações. Sobre esse tema PASSETTI na revista SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE ( 2002, P. 10) afirma:

Por Estado penalizador, os estudos e pesquisas procuram mostrar as atuais dimensões dos efeitos da globalização nas segregações, confinamentos e



extermínios de população pobre adulta, juvenil e infantil. [...] conceito de *cultura da pobreza*, firmado até então, com base em comportamentos socialmente não aceitos, gerando certo trânsito entre pessoas que viviam na marginalidade com a sociedade maior e constituindo um híbrido, deixa de ser notado pelo Estado como anomia temporária para ser tratado como forma acabada de deslocamento. Nestes termos, reescreve-se e amplia-se a genealogia do racismo, num deslocamento que consagra multiplicidade de raças e direitos. Estas pessoas não são mais vistas pelo Estado como capazes de recuperação. Da mesma maneira, veem-se como algo à parte, pleiteando vida à parte, redimensionando a rotina das estigmatizações no seu próprio interior, que se unificam na conformidade em habitar a periferia, na qual a proliferação de seitas e religiões contribuem efetivamente. O Estado destina-lhe o tratamento policial identificando suas eventuais inclusões relacionadas à ilegalidade, ao mesmo tempo em que, confinadas em suas territorialidades, se separam e são repartidas ainda como virtuosas e viciadas, pertencentes a famílias estruturadas e desestruturadas, clamando mais segurança do Estado penalizador. De certa maneira, tentam afirmar um certo *ideal de nós*, conforme definiu Norbet Elias (2001), concorde à ordem, diante da ausência de ideais nas zonas de confinamentos.

Além da forma punitiva e repressora de minimizar o problema da violência nas escolas, ressalta-se outras medidas propostas no projeto de lei, que devem ser analisadas com um pouco mais de atenção. Entre elas esta a proposta da possibilidade de transferir o aluno da escola caso esse cometa atos infracionais. Nessa perspectiva, observa-se que a intenção do Estado consiste apenas em transferir um aluno que cometeu atos violentos para outra instituição, demonstrando a sua omissão em minimizar problemas que são apenas consequências de um contexto vivenciado por cada indivíduo, que deve ser analisado e acompanhado.

Ou seja, ao se transferir o aluno, apenas se transferirá a complexidade de uma situação, para outra instituição, tendo em vista que a realidade concreta do sujeito contribui para que não aconteça mudanças positivas. Muito menos foi realizado pelo Estado alguma ação interventiva que possa acarretar em mudanças em sua vida.

Outro fato a ser considerado e analisado surge na proposta que defende o afastamento do educador, caso ele se encontre em situação de risco no exercício da profissão, sem perda dos seus vencimentos. “Parece cômico se não fosse tão trágico”, considerando a atual conjuntura econômica neoliberal, que envolve também os trabalhadores em educação, consiste na submissão da precarização do trabalho que impõem o sistema vigente a muitos da classe trabalhadora.

No entanto, muitos desses educadores são contratados temporariamente pelo Estado, e se encontram vulneráveis, sem direitos trabalhistas que os protejam de alguma eventualidade que lhes possam acontecer, como acidentes de trabalho e

problemas de saúde. Caso algum problema dessa ordem venha acometer esses educadores, certamente eles serão substituídos por outros profissionais.

Nesse caso, propor transferir um aluno que está cometendo atos de violência na escola e o afastamento do profissional caso seja ameaçada a sua integridade física e psicológica, parece algo leviano e tendencioso, demonstrando a tentativa débil de maquiar a realidade dos sujeitos e colocar os problemas sociais embaixo do tapete.

Analisa-se então que essas medidas preventivas de penalização e culpabilização dos sujeitos escondem por trás delas um caráter de um Estado repressor e segregador, no qual ainda consiste uma lógica de ordem social positivista, no qual esses indivíduos são vistos como desajustados e inimigos sociais, e para esses é destinado o trancafiamento e a punição, como a principal alternativa do Estado para reduzir os problemas de violência escolar.

Nesse interim, aparece como culpados, além dos indivíduos, as famílias as quais são culpabilizadas pelos “desajustes” causados pelos seus membros, ressaltando dessa forma a ausência de regras e a falta de moral dentro de algumas instituições familiares, sendo uma das principais causas que contribuem para a formação de uma criança e adolescentes violentos, principalmente quando se trata das famílias da classe trabalhadora em situação de vulnerabilidade, essa ideia é muito difundida em nossa sociedade atual, sobretudo pela mídia.

Concernente a isso, Passetti em *S. Social e Sociedade* (2002) se refere ao papel da mídia à identificar as localidades mais vulnerabilizadas socialmente para reafirmar junto a classe média que tais sujeitos vivem sob condições de pobreza e miserabilidade, por negligências próprias.

Nessa trajetória reafirma-se o papel de um Estado omissivo na responsabilidade de combater a violência escolar e em todos os segmentos dela, atuando para minimização desses problemas com políticas reduzidas e focalizadas com a finalidade apenas de tratar sintomas da doença violência”<sup>9</sup>, em uma atuação voltada segundo Passetti em *S. Serviço e Sociedade* (2002) para a criminalização da pobreza.

Dessa forma, o Estado tem atuado com ações voltadas a penalizar pequenas infrações cometidas por sujeitos que vivem em situação de

---

<sup>9</sup> Doença violência: termo conservador usado para denominar a violência como uma arritmia e desajuste social que é visto como expressão de uma doença social.

vulnerabilidade social, como se todos os problemas referentes a violência fosse atrelada a pobreza e pequenos furtos.

As políticas sociais foram reduzidas, mas não só isso. Houve um deslocamento da natureza da intervenção, o que lhe reafirma não haver o Estado moderno sem intervenção econômica e social. Sem identificar as classes que lhe são perigosa. A nova forma de intervenção penalizadora apenas glorifica a coragem cívica, e se apresenta como modernidade política e audácia progressista [...] Esta em jogo criminalizar a miséria e normalizar o trabalho assalariado precário, dinamizando o que Cristie chamou de indústria do controle do crime por meio de um Estado redirecionador da intervenção no controle social, da ênfase em políticas sociais para a ênfase em criminalização da pobreza; penalizar mais pequenos infrações como prevenção contra grandes crimes (Passeti S. Social e Sociedade 2002, p. 19)

De certo a categoria violência está vinculada a vários fatores, que devem ser analisados para então conseguir tratar a violência escolar de uma forma eficiente, e para isso alguns reflexos oriundos da questão social, como a fome, a pobreza, o desemprego e sua precarização, devem ser visto como centro da atenção do Estado, pois combater as causas é a melhor estratégia para suprimir ou minimizar o sintoma da violência.

O desemprego nesse cenário de globalização do capital aparece como um dos maiores problemas estruturais que implicam para o aumento da violência dentro e fora das escolas, pois a precarização do trabalho é um mal que corrói a autonomia dos sujeitos. Mas, nesse processo de negação de pleno emprego, o Estado demonstra sua omissão e no tocante a sua submissão ao banco mundial, que determina onde e como devem ser empregados os gastos com políticas públicas no Brasil. Sobre esse novo formato de implementação das políticas sociais Pastorini afirma (2006, p.77):

[...] o banco mundial faz suas avaliações em relação a crise do anos 80 que viveu o mundo capitalista e que repercutiu mais perversamente nos países subdesenvolvidos, contrastando que, embora exista um efeito econômico negativo na região, os pobres continuam sendo pobres e continuam sendo muitos. Naturalizando os graves problemas sociais e econômicos que vivem esses países (pobreza, miséria, desemprego etc.), entendendo-os como dados ou como traços característicos das economias subdesenvolvidas, começa a ser “recomendada” (de forma imperativa) a implementação de programas compensatórios e medidas emergenciais, focalizadas para os setores populacionais específicos, com o objetivo de aliviar a pobreza e a fome.

De acordo com essas análises, podemos visualizar nitidamente que as medidas voltadas ao combate a violência escolar e contra educadores baseada na repressão, culpabilização dos sujeitos, tem um caráter emergencial e pontual em resposta ao enfrentamento de um problema, que tem em seu cerne, questões mais complexas, sendo elas culturais, conjunturais éticas e políticas.

Essas ações emergenciais não tem o objetivo em si de combater a violência escolar, mas em dar respostas emergenciais a população. Não se discute a concessão de direitos aos educandos (a ter um ensino de qualidade e uma vida digna) e aos educadores (no tocante a terem melhores condições de trabalho). Estes pontos serão analisados posteriormente ao discutirmos caminhos de superação para amenizar o aumento da violência no âmbito escolar.

### 3. VIOLÊNCIA ESCOLAR - ULTRAPASSANDO AS GRANDES CAPITALS E ALCANÇANDO AS PEQUENAS COMUNIDADES

Quando se discute o tema violência, muitos pensam se tratar de um problema relacionado aos grandes centros urbanos, devido seu aglomerado de casas e o mal planejamento urbano que acontece nas grandes cidades, no qual se constitui uma segregação social constituída por bairros periféricos e favelas em contraste com os bairros nobres, com suas mansões e condomínios de luxos. Geralmente esse é o cenário que surge no pensamento de muitos na sociedade brasileira.

No entanto, essa associação de violência e cidades grandes há algumas décadas tem se tornado um pensamento obsoleto, pelo fato de que a violência, em todas as suas facetas, tem ultrapassado os limites que antes se imaginava contê-la, pois independente de raças, culturas e território ela tem se expressado de forma crescente e preocupante. Hoje estão presentes também nas pequenas comunidades os homicídios, o furto, o tráfico de drogas ilícitas e, conseqüentemente, a violência nas escolas contra educadores.

Sobre a violência ser atualmente um problema que alcança todas as cidades independente da sua extensão territorial e populacional, Carvalho afirma (2014, p.17 - 18):

É notório o aumento da violência e do sentimento de insegurança na sociedade atual. A violência vem sendo foco da atenção dos moradores das grandes, médias e pequenas cidades [...] Antigamente, a violência era exclusiva das grandes cidades, sendo que as pequenas cidades eram sinônimos de paz e tranquilidade. Hoje nem as pacatas cidades interioranas são símbolos de paz, a violência já chegou a elas.

É seguindo essa discussão sobre a violência que ultrapassa os grandes centros urbanos e chega as pequenas comunidades que abordar-se-á sobre a comunidade de Capela, que conta em media com 2.500 habitantes<sup>10</sup> e está localizada a 7km da cidade de Ceará-Mirim. Dessa forma tratasse-a da violência escolar contra educadores e vulnerabilidade que esses profissionais se encontram nos dias atuais.

---

<sup>10</sup> Esse levantamento do numero de habitantes da comunidade de Capela, está sendo baseado nos dados do cadastramento familiar disponível na Unidade Básica de Saúde da comunidade de Capela.

Conforme Montenegro (2004), a comunidade de capela passou a existir a partir de pequenos lavradores, que trabalhavam com agricultura de subsistência, próximo aos grandes engenhos no período colonial. Nos últimos 30 anos, foi se expandindo em consequência da expropriação dos trabalhadores das terras das usinas e dos antigos donos de engenhos e fazendas, nas quais moravam. Sobre isso comenta Barbosa:

A expansão da comunidade ocorre à medida que os trabalhadores são expropriados das grandes fazendas da região, estes passam então ocupar o território da comunidade de capela. Ao longo de nossas visitas a campo na busca de resgatar a história da comunidade foi comum ouvir relatos de interlocutores que falavam do processo de expropriação das fazendas: *'papai trabalhava na fazenda Betânia, antes de chegar aqui. Saiu de lá sem nada, por que não tinha direitos' [...] Alguns afirmam que a doação do terreno para construção de suas casas foi realizada por Luiz Varela Grande fazendeiro da região. (2015, p.57-58)*

Segundo Barbosa, a comunidade contém espaços destinados ao lazer, como praças, bares, campos de futebol, clubes de show. E sua infraestrutura se encontra em processo de organização, e muito do que já foi feito na comunidade foi resultado das reivindicações da população aos gestores municipais

[...] praticamente todas as ruas atualmente estão pavimentadas, resultado de várias reivindicações da população que solicitavam constantemente a prefeitura o calçamento das ruas, apenas neste ano de 2015, esta instituição, deu a devida atenção e pavimentou as ruas da localidade [...] (2015, p.53).

Esse fato confirma a importância, das lutas e reivindicação da classe trabalhadora ao pressionar o Estado em garantir direitos primordiais aos cidadãos.

Nessa comunidade também existe algumas instituições e comércios que atendem as necessidades sociais dos moradores da comunidade, como a Unidade Básica de saúde (UBS), três igrejas sendo uma católica e duas evangélicas, alguns pequenos comércios, como padarias e minimercados, um conselho comunitário e a escola Municipal Alcides Câmara de Souza, instituição na qual realizamos a referida pesquisa sobre o tema da violência escolar contra educadores.

### 3.1 VIOLÊNCIA ESCOLAR NA COMUNIDADE DE CAPELA: DIFICULDADES E DESAFIOS DOS EDUCADORES DA ESCOLA MUNICIPAL ALCIDES CÂMARA DE SOUZA

A Escola Municipal Alcides Câmara de Souza, situada em uma comunidade rural denominada Capela município de Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte, foi reinaugurada oficialmente no ano de 1978, possui 42 funcionários atendendo ao número de 321 alunos.

A princípio, em meados dos anos de 1960, a escola funcionou em dois espaços, o primeiro espaço se localizava na Rua São Miguel, que por estar em péssimas condições estruturais, passou a funcionar em uma propriedade anexa a casa de farinha, cedida pelo senhor Alcides Câmara de Souza <sup>11</sup>, e na época atendia a alunos de 1ª à 4ª série.

Com o crescimento populacional, a escola Alcides Câmara de Souza passou por mais outra mudança.

[...] os espaços que funcionavam como escola não tinha mais capacidades para atender a esta demanda. Porém no ano de 1978, foi construído um prédio para receber as crianças desta comunidade e de localidades vizinhas. A escola recebe o nome de Alcides Câmara de Souza. (JORNAL DO POVO, 2016, p.3).

Por muitos anos a escola trabalhou apenas com alunos do nível fundamental I, entretanto no ano de 2002, a escola passou por uma reforma e foi ampliada para atender alunos também do nível fundamental II.

Atualmente a escola é direcionada aos estudantes da educação infantil, nível fundamental I e II e também para jovens e adultos do programa caminhando RN, funcionando em três turnos (manhã, tarde e noite), sendo que o turno da manhã atende os estudantes do nível fundamental II, ou seja, atende alunos do 6º ao 9º ano, que tem entre 11 a 18 anos; e o turno da tarde funciona o nível fundamental I, com alunos na idade entre 3 a 14 anos; e o da noite destina-se a educação de

---

<sup>11</sup>Alcides Câmara de Souza, nasceu em Capela, no dia 18 de junho de 1907, eram seus pais Joaquim varela de Souza e Maria Câmara de Souza. Aos 18 anos sua família mudou-se para Ceará-Mirim, porém ele permaneceu em Capela, vivendo da pecuária e agricultura. Era uma pessoa solidaria com os mais pobres, não negava ajuda a quem lhe procurava, ocupou três mandatos na câmara dos vereadores, sempre apresentou projetos em favor de sua terra querida. Foram os seus feitos em favor desta comunidade, que lhe valeu o mérito de ter uma escola com o seu nome.

jovens e adultos do Caminhando RN, destinado ao público acima de 18 anos que não são alfabetizados.

Antes da reforma e ampliação, segundo o JORNAL DO POVO (2016), a escola contava apenas com (4) salas de aula, uma (1) cozinha, (02) banheiro de uso apenas para os alunos e (1) secretaria que servia também como sala de professores e direção.

Depois da ampliação no ano de 2002, a escola dispõem de (9) nove salas de aulas, (1) uma sala de diretoria (1) uma sala de laboratório, (1) uma sala de vídeo, (1) uma sala de leitura, (1) uma sala de professores, (1) um almoxarifado, (1) uma sala de secretaria (1) uma cozinha com área de serviço, banheiros femininos e masculinos para os educandos e também para professores e funcionários.

Vê-se que houve uma grande mudança na estrutura escolar, para atender a demanda crescente da população de Capela e de outras comunidades rurais próximas.

Como a intenção da pesquisa consiste em abordar a violência no âmbito escolar contra educadores deu-se preferência por fazer as observações de campo e entrevistas dos profissionais no turno matutino, pois nesse turno a faixa etária dos alunos é mais diversificada, contendo um público composto por crianças, adolescentes e jovens. Sendo assim, o público alvo ideal para análise da pesquisa, já que são os sujeitos que mais estão envolvidos nos relatos de violência escolar.

As agressões e desrespeito contra os educadores que inúmeras vezes sofrem violência verbal, como xingamentos e ameaças de agressão física e até de morte, e a violência entre os próprios estudantes, como Bulling e “brincadeiras” de lutar, e outras de cunho sexual (tocar nas partes íntimas dos colegas ou se esfregar sensualmente nas costas de outros), são fatos recorrentes e corriqueiros na escola Municipal Alcides Câmara de Souza. Esses fatos inquietou-nos para realizar uma análise mais apurada, tendo como foco evidenciar também uma análise mais equilibrada da vulnerabilidade dos sujeitos envolvidos (crianças, adolescentes, jovens e educadores), portanto as maiores considerações que se fará, será sobre a violência contra os educadores dessa escola.

O que é inegável mediante as falas dos entrevistados, a constatação de que apesar da violência verbal ser um fato que acontece de forma recorrente cometida pelos alunos contra os educadores, os dados coletados informam também que poucos já sofreram violência física.



Os atos de violência física nesta escola é um fato que é mais recorrente entre os próprios educandos, e a violência verbal entre eles é algo que acontece corriqueiramente no cotidiano, principalmente na hora do intervalo, onde os palavrões e apelidos depreciativos são constantemente pronunciados.

São frequentes, as ameaças (físicas e de morte), os palavrões, os atos obscenos feito pelas costas (como o de dar banana para o educador), as humilhações, quando dizem que os professores não podem obrigá-los a fazer tarefas, a ficar na sala de aula em silêncio. Refere-se às aulas como enfadonhas e que não tem interesse por elas, que os funcionários não são seus pais para aconselhá-los a fazer ou não alguma coisa, principalmente quando estão cometendo atos de vandalismo, como quebrar carteiras, riscar paredes entre outros. Tudo isso afeta psicologicamente esse profissionais, constrangendo-os e desmotivando-os.

Todos os profissionais que foram entrevistados na escola M. Alcides Câmara de Souza afirmaram ter sofrido algum tipo de agressão verbal.

Palavrão que eles dizem comigo, e as vezes te agride. As vezes assim, eu me sinto assim... derrubado [...] palavrão, escuto isso e eu acho que eu nunca imaginava trabalhar num canto que tivesse muito assim, palavrão que dissesse comigo. É por isso que eu me sinto assim muito derrubado. (EDUCADOR -1. . Questionário- Violência Escolar – 2015)

Um outro educador completa:

Só ameaças, ameaças já, ameaça já. E ameaças já é um tipo de violência [...] não mexe com o seu corpo, mas mexe com o seu psicológico. Tem um certo constrangimento, dá um certo constrangimento, você toma mais cuidado, toma mais cuidado, não é uma situação muito boa não. (EDUCADOR – 8. Questionário- Violência Escolar – 2015)

Para alguns desses profissionais a falta de interesse e envolvimento dos alunos, nas aulas e participação nos projetos da escola, também é recebido como forma de agressão psicológica, pois entristece e desmotiva os educadores. No entanto essa falta de interesse dos educandos, poderia ser considerada pelos educadores como um momento de auto avaliar-se no seu processo metodológica de ensino.

[...] não só aquela que agride assim... diretamente [...] ao seu trabalho também. Quando um aluno chega e diz que não se interessa, por que não

vale a pena, por que não traz nenhum benefício pra ele as aulas. ( EDUCADOR – 7. Questionário- Violência Escolar – 2015)

Além dos educadores vivenciarem toda essa carga de violência dos estudantes, outro fato nessa escola chama a atenção, a violência verbal que eles recebem dos pais dos alunos, que também é bastante preocupante, afetando psicologicamente esses profissionais, e é um relato muito recorrente nas falas dos entrevistados.

[...] A justificativa dos pais é essa. [...] na maioria dos casos [...] os pais tomam as dores dos filhos que estão errando[...] quando o filho faz alguma coisa de errado, se manda chamar o pai ou a mãe, [...] muitos não, nem chegam nem perguntando o que aconteceu,[...] já chegam na escola esculhanbando mesmo, esculhanbando com os funcionários...quer dizer, além da violência do aluno (falando com ênfase), inda tem a questão da violência dos pais que muitas vezes não procuram saber. [...] Eu acho na maioria dos casos, eles também chegam com esse tipo de violência. Quer dizer é uma questão de reflexo de pai e filho, família. (EDUCADOR – 8. Questionário- Violência Escolar, 2015)

Vale salientar, que a escola realiza reuniões trimestrais. Para discutir o desenvolvimento educacional dos adolescentes com os pais e responsáveis, porém a falta de comparecimento dos responsáveis chega a quase 50% na maioria das reuniões realizadas. E alguns desses responsáveis se sentem ofendidos quando são comunicados sobre atos violentos cometidos por seus filhos. E esse posicionamento dificulta mais ainda o trabalho dos educadores na tentativa de trabalhar a violência dentro da escola.

Notou-se que a reação violenta (verbal) de alguns pais direcionados aos educadores, quando são notificados de alguns atos violentos dos filhos na escola, também é bastante preocupante segundo alguns entrevistados. Pois muito deles são muito agressivos com os educadores, colaborando ainda mais com o estado de vulnerabilidade que em que se encontram esses sujeitos.

Geralmente eles costumam falar que é perseguição para com o seu filho [...] muitos não, mas parte deles chegam a dizendo que [...] o professor esta perseguindo o filho, é marcação com o seu filho, mas quando na verdade a gente sabe que não, não é isso que acontece. (EDUCADOR – 5. Questionário- Violência Escolar,2015)

Em entrevista um dos educadores, falou sobre um dos casos em particular de uma agressão verbal de uma mãe de aluno, que afetou bastante seu psicológico e de como sentiu-se ao ser alvo de tal agressão:

[...] a mãe veio, me agrediu verbalmente com palavras de baixo escalão, me acusou, me caluniou, isso num tom muito agressivo, e se eu fosse é... combater, se eu fosse debater com ela, argumentar com ela, eu iria sofrer agressão física por que ela estava muito possessa, ela estava fora de si.[...] Me senti triste, me senti pequeno, ofendido, paralisado, sem reação, me senti temeroso, isso eu estou falando como homem, me senti temeroso, não só pela agressão dela, mas pela minha reação, tive muito medo de agir por um instinto [...] me senti com...me senti ofendido, me senti com medo de mim mesmo, da minha reação [...]” e até agredi-la fisicamente, e perder...esquecer do consenso, do bom senso e da razão e agir pelo instinto [...]. EDUCADOR 4. Questionário - Violência Escolar, - 2015)

Casos assim, infelizmente, contribuem para que muitos desses educadores formem um senso comum de que a raiz do problema vem da estrutura família, culpabilizando os pais ou responsáveis pelos atos agressivos dos filhos, à medida que muitas falas são recorrentes a esse respeito, porém outros conseguem analisar que o problema da violência escolar não é um fato corriqueiro e isolado, reconhecendo que existem, fatores mais profundos, inerentes a questão social.

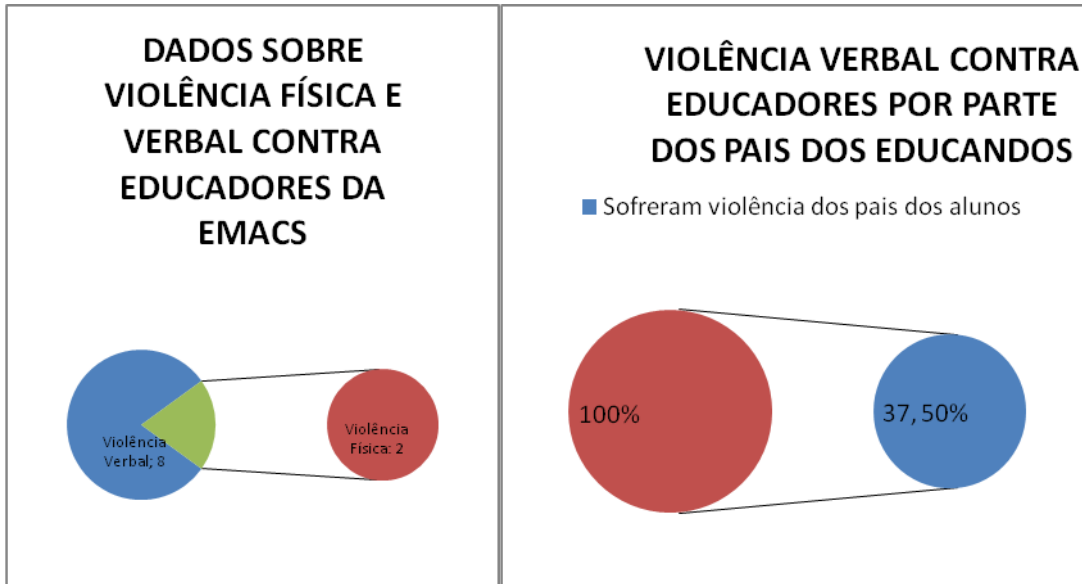
Isso se torna evidente quando alguns entrevistados reforçam o problema da falta de possibilidade econômica e de outros direitos como alimentação adequada, saúde e lazer que envolve as famílias de vários alunos da escola Municipal Alcides Câmara de Souza, e tais fatos estão intimamente relacionados às ações violentas desses crianças e adolescentes.

A tendência é piorar, Agente não quer né, mas o que a gente percebe é que Eles não tem perspectiva de nada., por mais que a gente converse o meio favorece...o meio favorece...o meio favorece. ( EDUCADOR – 5. Questionário - Violência Escolar, 2015)

[...] se Estado absorvesse ai, [...] esses recursos, pra que esses alunos, por que esses alunos é tão agressivos, o que, que está faltando a esses alunos, qual a necessidade desses alunos, eu não falo nem tão a necessidade financeira, eu falo da necessidade de lazer, de acompanhamento mais direcionado. Às vezes um pai fica desempregado desconta no filho, é um circulo vicioso, o filho vai desconta na escola e vice versa[...]. ( EDUCADOR – 4. Questionário - Violência Escolar, 2015)

Mediante as entrevistas com os educadores, ao questionar qual tipo de violência eles já foram vítimas no exercício de sua profissão, constatou-se os seguintes dados:

### GRAFICOS



Fonte: Santos 2016

Conforme os gráficos acima, dos 08 profissionais entrevistados, apenas dois afirmaram ter sofrido violência física, no entanto todos os entrevistados referiram ter sofrido cotidianamente violência verbal.

Segundo os dados coletados sobre a violência escolar cometida pelos pais dos alunos da Escola Alcides Câmara de Souza contra os educadores, revela que 37% dos educadores entrevistados afirmam já terem sofrido violência verbal dos pais ou responsáveis.

Decorrente dessa questão de pobreza e negação de direitos que faz parte da vida dessas famílias, alguns pais insistem que seus filhos frequentem a escola, primariamente para continuarem incluídos no programa de transferência de renda Bolsa Família, programa que impõem condicionalidades para esses pais terem direito ao benefício social (uma delas é que as crianças e adolescentes estejam frequentando a escola regularmente). Tornando secundária para os pais a importância do aprendizado dos filhos, pois os recursos financeiros são o que garantem a sobrevivência dessas famílias e por isso continuam sendo uma das necessidades mais urgentes delas.

Entretanto, alguns desses responsáveis não conseguem enxergar a importância da educação na autonomia e profissionalização dos seus filhos na sociedade, nesse sentido talvez seja preciso discutir mais sobre a suma importância da educação na vida desses sujeitos.

Como forma de minimizar o índice de violência, alguns profissionais colocaram a importância de existir uma parceria maior entre as famílias dos alunos com a escola, que o vínculo dos pais com a instituição se torne mais frequente, dentro disso está a participação e a visitação dos pais e responsáveis com mais frequência na escola entre outras ações. “[...] se houvesse, penso eu né, uma parceria da família com a escola o nosso trabalho seria bem mais fácil entendeu [...]”. (EDUCADOR – 4. Questionário - Violência Escolar, 2015)

Cabe aos pais também, ter um certo comprometimento né, pra chegar junto, também na escola, por que por mais que a gente chama comunique, explique, peça a sua ajuda, mas sempre tem alguns que deixam a desejar. (EDUCADOR – 5. Questionário - Violência Escolar, 2015)

O que nos chamou à atenção é o fato de que todos os educadores entrevistados estão, segundo (IAMAMOTO, 2002), dentro de uma realidade de precarização do trabalho, que aparecem nas terceirizações, contratos trabalhistas, nas exigências da polivalência profissional e flexibilização produtiva do sistema vigente, que implica na perda de direitos sociais conquistados e na exploração e intensificação do ritmo de trabalho.

Entre os entrevistados apenas 20% dos profissionais são concursados, os demais, são contratados pela prefeitura, recebendo proventos mensais de um salário mínimo (com descontos e muitas vezes em atraso), para sua subsistência.

Considera-se também que muitos desses profissionais são sobrecarregados com várias disciplinas para alcançarem uma carga horária estabelecida pela lei educacional, são obrigados a exercer várias atividades diárias, como dar aulas em vários turnos, ou escolas, no caso dos professores, e dos demais, também procuram ter dois empregos para melhorar sua qualidade de vida.

Dessa forma, é visível quão desgastados e vulneráveis estão esses profissionais, diante de um quadro de agressões voltada contra eles no ambiente escolar. Mediante essas condições, é exigido de todos educadores, uma postura e ações que vão para além do conhecimento e competência que lhes foi apresentado

na formação acadêmica ou no seu contrato de trabalho, pois ao deparar-se com situações de conflitos com alunos indisciplinados, desrespeitosos e violentos entre outros problemas, muitas vezes se veem tomando algumas medidas que são atribuições de outros profissionais como de Psicólogo, Policial, Enfermeiros e de Assistentes Sociais, entre outras ações que perpassam o seu fazer profissional.

Portanto não devemos negar a surpresa na declaração de todos os entrevistados, ao afirmar categoricamente que mediante todos esses problemas, não mudariam de profissão, pois apesar de tudo, gostam muito do que fazem e sabem da importância do seu trabalho na contribuição para a formação dos alunos, concernente a formação profissional, como na contribuição na formação desses jovens para a sua vida em sociedade.

Eu gosto do que eu faço. As vezes tem os menino que me faz raiva, já chegam estressados de já de casa, umas meninas que me faz raiva [...] mais eu gosto deles sabe. E depois a raiva passa. EDUCADOR-3 (Questionário - Violência Escolar, 2015)

[...] eu me sinto assim... no dever [...] dar o melhor... assim, pra esses alunos, dar o melhor para que eles possam enxergar um futuro melhor. Então eu não mudaria de forma alguma [...] a minha área de trabalho. ( EDUCADOR - "6. Questionário - Violência Escolar, 2015)

Não me arrependo de ser professor, porque professor é um idealista, todo professor que se preze é um idealista, ele quer mudar a situação ele quer mudar o mundo. Eu na verdade gosto de ser professor, mesmo nas condições que nos encontramos atualmente. ( EDUCADOR - 7. Questionário - Violência Escolar, 2015)

Vários fatores implicam para o aumento da violência dentro da E.M.A.C.S., conforme dados coletados e observações realizadas dentro desse espaço, que também contribui para a vulnerabilidade dos profissionais que nela atua, e vão desde os problemas socioeconômicos, à falta de perspectiva de vida, problemas de cunho familiar e cultural e falta de acesso a bens e serviços, entre outros, são pontos destacados pelos educadores da escola.

Observa-se também que alguns desses educandos fazem uso de drogas lícitas e ilícitas, isso implica no desempenho escolar desses alunos, pois sentem mais dificuldades de acompanhar as atividades. Resultando em reprovação e/ou evasão escolar. Geralmente esses alunos reprovados, ficam desnivelados ou fora de faixa etária, se tornando cada vez mais desinteressados e desrespeitosos com os educadores.

Outro ponto que se destaca é o modo como alguns pais agem ao serem notificados que seus filhos cometeram alguma violência na escola. Geralmente eles ficam revoltados direcionando essa revolta aos educadores, agredindo-os verbalmente.

Problemas como iniciação precoce a vida sexual são bastante comuns entre os educandos, e acontece algumas vezes desses (as) alunos(as) se insinuarem para os educadores de forma muito desrespeitosa. Isso também implica em gravidez precoce ou numa relação estável com seu parceiro, que também resulta muitas vezes em evasão escolar, pelo fato de não conseguirem conciliar os afazeres domésticos, trabalho e paternidade ou maternidade com a vida escolar.

Alguns alunos assistem às aulas por que são obrigados pelos pais a frequentarem a escola, e por isso se comportam de maneira agressiva, por estar na escola contra sua vontade, esses alunos também são os que mais são reprovados no percurso escolar, pois as aulas para eles(as) são enfadonhas e não gostam de obedecer normas e regras da escola e muito menos os educadores.

Analisa-se dessa forma que são várias as particularidades que contribuem para o aumento da violência escolar na E.M.A.C.S. contra os educadores que nela trabalha. E quanto mais nos aproximamos da realidade desses sujeitos, mais se desvela as inúmeras causas desse tipo de violência nos espaços educacionais.

#### 4 – CAMINHOS DE SUPERAÇÃO PARA AMENIZAR O AUMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA EDUCADORES NO ÂMBITO ESCOLAR

Certamente deve-se ter a consciência que o problema da violência nas escolas contra educadores, por se tornar mais recorrente (principalmente nas escolas públicas), tem tomado um pouco mais de espaço nas discussões de vários segmentos, como nos congressos de educação, nas câmaras parlamentares e até na grande mídia. Demonstrando a preocupação da sociedade com o alto índice de um problema que vem emergindo historicamente e de forma assustadora no país.

Conscientada complexidade do problema em questão, por existir situações mais serias por traz desse trágico cenário, deve-se fazer algumas considerações sobre quais caminhos devem ser tomados, para amenizar ou superar a violência escolar contra educadores.

Dentre esses caminhos de superação discutidosse destacados estão o *protagonismo e participação juvenil dentro das escolas*. Defendendo que os jovens possam ter a oportunidade de decidir e opinar sobre os planos e ações dentro dessas instituições.

Para isso as escolas devem promover as lideranças de turmas, os grêmios estudantis informando-os e capacitando-os. Considerando que esses jovens sejam um elo entre o corpo docente da escola e os educandos, que possam participar ativamente em algumas reuniões e conselhos na sua escola.

Outro item importante está na promoção de espaços e reuniões para a juventude, que discutam temas importantes que surgem na sociedade. Como: preconceito, criminalização da pobreza, violência contra mulher e outros temas que surgem no contexto de uma sociedade desigual como a capitalista. Com a abertura desse espaço da participação juvenil nas escolas públicas, viabilizará a construção de uma escola mais democrática.

Em relação ao protagonismo juvenil no desenho das ações públicas, como novos atores sociais, Sposito (2007, p.345) afirma:

[...] esse é o caso dos jovens, os quais por serem considerados “novos atores sociais” para exercerem sua cidadania, precisam construir novos espaços, onde sejam oferecidas oportunidade para que a capacidade e a escolha de influir com poder nas decisões que os afetam sejam legitimadas. Para tanto, faz-se necessário que a sociedade reconheça que o potencial do jovem para influir em decisões é um direito de cidadão, devendo assim,



ser transformado numa efetiva tomada de decisões através de espaços que facilitem esse exercício.

Nesse sentido Amaro (1997), declara que abrir esse espaço de direito ao protagonismo juvenil dentro das escolas, ela conhecerá a realidade social dos educandos e suas necessidades reais. E isso contribuirá para que ela desempenhe seu papel político para desenvolver o senso crítico e o cidadão. E no contexto sociohistórico que vivemos hoje é necessário que a escola avalie o seu papel em educar, que não devem ficar restrito apenas a escrita e a leitura.

Para que a escola cumpra com suas funções políticas é fundamental que ela identifique que tipo de homem ela pretende formar. Podem ser cidadãos ou massas de manobra, sujeitos críticos e políticos, ou dependentes passivos e conformados. (AMARO, 1997, p.48)

O segundo item e não menos importante que o primeiro, consiste na participação dos pais e responsáveis no cotidiano escolar. Consideramos que o elo entre a família dos educandos e a escola é primordial para que problemas como o reflexo da violência escolar sejam minimizados.

[...] Nesse sentido, uma meta ainda a ser atingida seria ampliar o grau de envolvimento dos pais nas atividades para as quais são solicitados, seja nas discussões pertinentes as questões pedagógicas como as atividades extras curriculares ou mesmo de gestão, incluída a questão da indisciplina.(GARCIA, 2009, p.105)

E o terceiro item que também contribuirá bastante para minimizar essa questão aqui discutida, é a defesa da contratação obrigatória dos profissionais do Serviço Social nas instituições escolares, que também está pautada no Projeto de Lei nº 3.466, de 2012 da autoria do senhor Raimundo Gomes de Matos, proposto na câmara dos deputados, no qual dispõe no seu artigo 1º: - Todas as Escolas Públicas, entidades filantrópicas, OSCIPs e fundações cuja atividade principal seja voltado para educação.

Esse projeto está atualmente tramitando no congresso, e nele se reconhece a necessidade da contratação dos Assistentes Sociais nas instituições educacionais para atuar mediante os problemas que surgem nas instituições de ensino de forma

mais crítica e reflexiva, considerando a realidade socioeconômica e cultural dos educandos.

Essa proposta sinaliza que as escolas não se limitam somente a educação formal na sala de aula, mas exerce um papel fundamental na formação dos educandos, nessa perspectiva é o profissional de Serviço social que vem criar a possibilidade de construir uma ponte que permita interligar a família, a comunidade e a escola com a intenção de suprir as necessidades de toda comunidade escolar. (PL-3466/2012, p.3).

A importância da investigação crítica realizado pelos profissionais supracitados, junto aos educandos e sua família dentro desses espaços, contribuirá consideravelmente, para identificar na maioria das vezes a raiz do problema que motiva comportamentos violentos, dependência química, evasão escolar, entre outros problemas que se expressam nas instituições escolares.

Nessa perspectiva, o Serviço Social na Escola identifica as demandas presentes no espaço escolar, tendo em vista que os profissionais em educação não conseguem dar conta, sozinhos, dos problemas sociais, afetivos e culturais dos alunos. Para tanto, o assistente Social com sua formação especializada, apresenta-se como uma necessidade urgente para atender as inúmeras e complexas demandas que convergem para escola, influenciando no processo educativo e na formação de cidadãos e cidadãs aptos a atuarem na construção de uma sociedade mais justa e democrática. (PL-3466/2012, p.4).

Nesse sentido Almeida assinala:

O reconhecimento da presença desses elementos no universo escolar, por si só, não constitui uma justificativa para a inserção dos assistentes sociais nesta área. Sua inserção deve expressar uma das estratégias de enfrentamento desta realidade na medida em que represente uma lógica mais ampla de organização do trabalho coletivo na esfera da política educacional, seja no interior das suas unidades educacionais, das unidades gerenciais ou em articulação com outras políticas setoriais. Caso contrário, estará implícito, nas defesas desta inserção, a presunção de que tais problemas seriam exclusivos da atuação de um determinado profissional, quando na verdade seu efetivo enfrentamento requer, na atualidade, não só a atuação dos assistentes sociais, mas de um conjunto mais amplo de profissionais especializados. O que parece ser central aqui e que já vem sendo observado pelos profissionais da área de educação é que o professor não vem conseguindo dar conta, sozinho, desses problemas e que o processo de enfrentamento dessa complexa realidade não é de competência exclusiva de nenhum profissional. (2007, p.5-6)

Vale salientar que alguns problemas que surgem nas instituições, não são competência dos profissionais em Serviço Social atender, porém compreendemos que eles (as) estão aptos a fazerem encaminhamentos para outros profissionais e instituições, caso seja necessário. Outro ponto importante é trabalhar com uma equipe multidisciplinar como também fazer articulação de redes de programas que também trabalhe com políticas voltadas para prevenir a violência escolar.

Outra questão importante consiste nas escolas elaborar de forma coletiva um plano de ações, planejamento estratégico pedagógico, incluindo as crianças, os adolescentes e as famílias, com o objetivo de enfrentar a realidade da violência no âmbito escolar.

Esses são alguns dos caminhos que podem ser trilhado no objetivo de superação ou minimização da violência escolar contra educadores nas escolas públicas, e também em outros seguimentos. Portanto, deve-se lembrar que a atuação do Estado em promover políticas públicas que garantam direitos como saúde, educação de qualidade, moradia e qualidade de vida, devem ser as principais medidas no combate a esse complexo problema.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato a violência escolar contra educadores tem aumentado de forma preocupante, está se tornando cada vez mais comum ocorrência de fatos em todo Brasil. Nas últimas décadas os profissionais em educação vem exercendo suas atividades dentro desse contexto, conotando uma situação de vulnerabilidade desses profissionais, tornando cada vez mais desafiador lecionar dentro dos espaços educacionais.

Ao analisar nas entrevistas as respostas dos educadores da escola Alcides Câmara de Souza, entende-se que esses estão vivendo o mesmo contexto de violência e vulnerabilidade que vários outros profissionais em educação de outras escolas públicas no Brasil.

Além de sofrerem agressões verbais e psicológicas, os educadores E.M.A.C.S. vivem o desafio de trabalhar sobre o contexto atual do neoliberalismo, e por sua vez muitos deles são contratados, com seus salários reduzidos e atrasados. Através das falas dos educadores, percebe-se que alguns tem um entendimento da violência nas escolas contra educadores como um problema cultural e familiar, porém outros profissionais entendem que esses problemas vão além do que está posto, pois existem várias causas por trás dessa questão.

A realidade das famílias dos educandos da escola também é de vulnerabilidade social, a falta de emprego e qualidade de vida tem sido um problema que tem contribuído para o aumento dessa violência, pois as perspectivas de vida desses educandos vão diminuindo com o tempo, e faltando perspectiva de vida, muitos veem a escola apenas como uma obrigação enfadonha e os educandos como ditadores de regras no qual, não os interessa obedecer nem respeitar.

Apesar disso, é visível o modo perseverante como os educadores tentam exercer suas atividades dentro da escola, trabalhando vários projetos e ao referir nas entrevistas que apesar de todos os desafios, querem continuar sendo educadores, mesmo em meio a tantas dificuldades e um ponto positivo a ser considerado.

Por outro lado, se tem consciência que a violência no âmbito educacional é algo que vai além da questão socioeconômica, valores culturais e familiares também são pontos que contribuem para o crescimento do problema, e não devemos cair na armadilha de julgar os problemas da violência escolar discriminando a pobreza e

todos os que estão imbricados nela, muito embora saibamos que a falta de recursos financeiros tem sido uma das raízes principais para aumentar as expressões de violência no âmbito escolar.

Dessa forma, se faz primordial a atuação do estado com medidas e ações que visem minimizar e não mascarar o problema, com ações que vem sendo realizadas, de forma punitiva e repressiva, para combater a violência nas instituições públicas de ensino, pois por mais que a escola esteja trabalhando com a participação juvenil, com a família e que tenha Assistentes sociais atuando dentro delas, o Estado não pode se omitir de fazer o que compete a ele, no que diz respeito a dar resposta a esse problema que vem se expressando de forma crescente.

Atualmente, o Estado vem trabalhando para minimizar a violência contra educadores de forma educativa, através de propagandas de governo que orienta todos os alunos a terem respeito com os professores, porém como já foi dito, não só os professores sofrem violência escolar, mas todos os profissionais que atuam na educação, no decorrer dos anos, estão sofrendo a mesma violência que sofrem os professores.

Finalizando, reafirma-se aqui a importância da atuação do Profissional Assistente Social na área da educação, no que diz respeito a viabilização de direitos dos educandos em ter uma escola pública de qualidade e também dos profissionais em educação.

A partir da presença dos (as) Assistentes Sociais nas instituições públicas de ensino, haverá possibilidade de trabalhar de forma crítica e investigativa, no sentido de desvelar o contexto vivenciado pelos indivíduos, para assim intervir na realidade dos educandos e dos educadores, pois nesse contexto social de negação de direitos todos esses sujeitos estão vulneráveis.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. In \_\_\_\_ **Ameaças** Cotidiano das escolas: entre violências– Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2009. 404

ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira, **O Serviço Social na Educação: novas perspectivas sócio ocupacionais.** Disponível em: [www.cress-mg.org.br/Textos/textos\\_simposio/2007.05.19\\_plenaria8\\_neyteixeira.doc](http://www.cress-mg.org.br/Textos/textos_simposio/2007.05.19_plenaria8_neyteixeira.doc)

AMARO, Sarita Terezinha Alves, In \_\_\_\_ **Escola pra quê?**, Serviço Social na escola: o encontro da realidade com a educação – Porto Alegre, SagraLuzzatto, 1997.

BARBOSA, Hayanne R. Oliveira, In \_\_\_\_ **Caracterização da comunidade de Capela e da cidade de Ceará-Mirim/RN: Os reflexos do passado no presente dessas localidades.** "Aqui não tem nada" Movimento pendular do campo a cidade... UFRN-CCSA , 2015.

CARVALHO, Edson rodrigues de. In \_\_\_\_ **A migração da violência dos grandes centros para as pequenas cidades: roubos.** A ocorrência da violência nas pequenas cidades do brasil Centro Estadual de Educação Paula Souza. 2014.

CHAUÍ, M. **Introdução à Filosofia.** Porto Alegre: Ed. Bertand Brasil, 1999.

DADOUN, R. A violência: **Ensaio sobre o “homo violens”.** Rio de Janeiro: DIFEL 1998.

\_\_\_\_ FILHO, G, C. **“A questão social” no Brasil: critica do discurso politico.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1082. Disponível em: <http://eteeducar.b/ogspot.com.br/2007/07/violencia-contra-os-professores.html>. Acesso em:15.06.2015

\_\_\_\_ GARCIA, Joe. **Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva.** Revista Paranaense de Desenvolvimento. Nº. 116. Curitiba – PR. 2009. Disponível em

<http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/275/229> 11 de fevereiro de 2013.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço social em tempo de capital fetiche: capital financeiro e a questão social**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

JORNAL DO POVO, Histórico da escola Alcides Câmara de Souza, Escola Estadual Alcides Câmara de Souza, ed 03, julho de 2016.

LEVANDOSKI, Gustavo; OGG, Fabiano; CARDOSO, Fernando Luiz. **Violência contra professores de Educação Física no ensino público do Estado do Paraná**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n3/01.pdf>> Acesso em: 20.05.2014

,MATOS, Raimundo Gomes de, PROJETO DE LEI N.º 3466, 2012, **Disposição sobre a instituição de serviço Social nas Escolas Públicas, Entidades Filantrópicas, OSCIPs e Fundações cuja atividade principal seja o movimento da educação**, 2012.

\_\_\_\_ NASIASENE, Alberto: **O mito da “família desestruturada”** Disponível em: <http://www.semeandohistoria.com/2015/03/o-mito-da-familia-desestruturada.html>

NETTO, J. P. In: \_\_\_\_ **Capitalismo monopolista e serviço social**. Cinco notas a propósito da “questão social.”. p. 151-162 – 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO, Luciana; et. al. **Experiências e especificidades da violência escolar na percepção de funcionários de uma escola pública**. RevEnferm UFSM Set/Dez; v.2,m.3, 2012 2(3):591-600. Disponível em:<<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reufsm/article/view/6686>> Acesso em: 20.05.2014

\_\_\_\_ NICOLILELO, Bruna. **Professores Brasileiros perdem 17% das aulas com a indisciplina**. Revista Eletrônica Educar para Crescer 16 de Junho de 2009. Disponível em

<http://educarparacrescer.abril.com.br/blog/boletimeducao/tag/indisciplina> acesso em 03 de fevereiro de 2013.

PASTORINE, Alejandra e Galizia, Galiza. **A redefinição do padrão social no Brasil**. PRAIAVERMELHAS, 2006.

PERREIRA, Luisa. **Os professores como profissão de risco**. Universidade de Coimbra disponível em: <http://clix.expressoemprego.pt/scripts/Actueel/displayarticle.asp?ID=1604&artCount=2&startPos=1&artsLoaded=1>. Acesso em: 17.11.2015.

SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE In \_\_\_\_ **Cartografia da violência. Violência**. Ano XXIII – n. 70 – são Paulo: Cortez, 2002.

SCHMIDT, Denise Pasqual, In \_\_\_\_ **Questão Social e Violência como Uma das Suas Formas de Expressão**, Violência como uma Expressão da questão Social: Suas manifestações e seu enfrentamento no Espaço Escolar. UFSMCE, 2007

SOUZA, Mirian Rodrigues de. Caderno Discente do Instituto Superior de Educação. Aparecida de Goiânia/GO. 2008. **Violência nas Escolas, causas e Consequências**. Disponível em: <http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/Artigo%20VIOL%C3%8ANCIA%20NAS%20ESCOLAS%20%20CAUSAS%20E%20CONSEQU%C3%8ANCIAS.pdf> acesso em 15 de janeiro de 2013.

SPOSITO, Pontes Esposito, In \_\_\_\_ **Ações públicas para jovens na cidade: a coordenadoria e o centro da Juventude de Niterói**, Espaços públicos em tempos juvenis, um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global, 2007



## APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO SOBRE VIOLÊNCIA ESCOLAR CONTRA EDUCADORES DA ESCOLA MUNICIPAL ALCIDES CÂMARA DE SOUZA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

**Avaliação da percepção dos educadores em relação a violência escolar vivenciada e sofrida em seu cotidiano**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

NOME \_\_\_\_\_

ENDEREÇO \_\_\_\_\_

IDADE \_\_\_\_\_ SEXO \_\_\_\_\_

VINCULO EMPREGATÍCIO \_\_\_\_\_

Questionário

- 01)** Há quanto tempo trabalha como educador(a)?.
- 02)** O que motivou a escolher essa profissão?.
- 03)** Qual o tipo de violência mais frequente no seu cotidiano?.
- 04)** Você já sofreu algum tipo de violência no seu trabalho? Se sim, qual o fato que mais lhe marcou?
- 05)** Como se sentiu?
- 06)** Qual a importância da família dentro desse processo?
- 07)** Qual reação os pais apresentam quando são notificados pela escola, que seu(s) filho(s) cometeram atos violentos nesse ambiente. E por que eles agem assim?
- 08)** Como você visualiza o futuro, dentro desse contexto de violência no âmbito escolar?
- 09)** Na sua opinião o que poderia ser feito para amenizar, melhorar ou extinguir esse quadro?
- 10)** Você acredita que esse cenário pode mudar?
- 11)** Se você tivesse oportunidade, mudaria de profissão, por que?